



Rivista di Analisi Geopolitiche e Sociologiche



Edizioni Nuova Cultura



La rivista
di Analisi Geopolitiche
e Sociologiche

Direttore scientifico: Guglielmo Rinzivillo

Il comitato scientifico non risponde delle opinioni espresse dagli autori nelle opere pubblicate.



Copyright © 2018 Edizioni Nuova Cultura - Roma

Prima edizione anno 2017

ISBN: 000000000

DOI: 10.4458/0000

ISSN: 2532-9693

Copertina: Marco Pigliapoco

Composizione grafica: Marco Pigliapoco

Revisione a cura dell'Autore



Questo libro è stampato su carta FSC amica delle foreste. Il logo FSC identifica prodotti che contengono carta proveniente da foreste gestite secondo i rigorosi standard ambientali, economici e sociali definiti dal Forest Stewardship Council

È vietata la riproduzione non autorizzata, anche parziale, realizzata con qualsiasi mezzo, compresa la fotocopia, anche ad uso interno o didattico.

Comitato Scientifico

Guglielmo Rinzivillo

*Sapienza Università di Roma.
Sociologia*

Gaetano Congi

*Sapienza Università di Roma.
Sociologia dello sviluppo*

Patricio Djalma

*Furb University of Blumenau - SC,
(Brasil). Scienze dell'Opinione Pubblica*

Daniel Gorra

*Universidad Nacional de San Luis,
(Argentina). Diritto Internazionale*

Mauro Rota

*Sapienza Università di Roma.
Sociologia economica*

Guido Ventura

*Ingv e Chr.
Scienze e Politica della scienza*

Andrea Carteny

*Sapienza Università di Roma.
Storia Internazionale*

Amaral Lala

*Instituto de Relações Internacionais
(Angola). Storia delle Relazioni
internazionali*

Giorgio de Marchis

*Università degli studi Roma Tre.
Letteratura portoghese e brasiliana –
Cattedra "Agostinho Neto"*

Matias João Pires

*Instituto de Relações Internacionais
(Angola). Teorie delle Relazioni
internazionali*

Issau Agostinho

*Centro di Studi Africani Università
di Porto. Teorie e critica delle relazioni
internazionali*

Cristina Simone

Economia e gestione dell'impresa

Marcelo Enrique Conti

Economia ambientale e Management

Comitato Tecnico Editoriale*

Noemi Pasquarelli

Giuseppe Difrancesco

Ana Figueroa

Christopher Jivot

Bitouloulou-Julienne N'Tsuli

Adão Agostinho

Nur'Asyura Salleh

Yusra Hamdaoui

Marco Iervese

Piero Y. Simonetti

*Sinossi a pag. 53

Indice

Marxismo no Ocidente: a alternativa à Geopolítica. Segunda parte

07 **Guglielmo Rinzivillo**
.....

07 **I - A Ciência dos intelectuais**

07 1.1 A “Dialética da História” e seu contrário

09 1.2 A visão carismática do intelectual

13 1.3 Na esteira de Antonio Gramsci

17 **II - Pesquisa sobre a genesis e a práxis**

17 2.1 Introdução

18 2.2 A história de uma ciência e o problema da história

21 2.3 Sociologia e materialismo histórico

23 **III - Epistemologia e marxismo**

23 3.1 A especificidade do marxismo

25 3.2 A Filosofia e discurso científico do objeto

26 3.3 A ciência e a lógica da historia

28 **IV - Notas sobre marxismo, Sociologia e estruturalismo**

28 4.1 A versão estruturalistica da dialética

29 4.2 A Sociologia no humanismo da “modernidade”

La “Grande Muraglia” cinese dell’era digitale

35 **Giuseppe Difrancesco**
.....

- 35 Introduzione
- 36 1. Il cyberspazio e la società contemporanea
- 37 2. The Great Firewall
- 39 3. Censura e libertà della rete
- 42 Conclusione

China scientific research, development and future trends. China scientific research and development

43 **Guido Ventura**
.....

- 43 Abstract
- 44 Introduction
- 44 Datasets and references
- 45 China-West historical and cultural differences
- 45 The governmental think-tank of the scientific research:
Chinese Academy of Sciences
- 46 The recruitment politics of universities and research centers, the evaluation
criteria, and the role of ‘sea turtles’
- 47 The ranking of the China scientific research
- 48 China vs West scientists: a projection to 2030
- 49 China R&D in a global perspective
- 50 Concluding remarks

**MONDO 4.0:
LE POLITICHE ASIATICHE
IN OCCIDENTE**

Bozza 1
formato mm210x297 ca
allestimento brossura fresata

Marxismo no Ocidente: a alternativa à Geopolítica.^{1*}

Segunda parte

Guglielmo Rinzivillo^{2*}

I - A Ciência dos intelectuais

1.1 A “Dialética da História” e seu contrário

As primeiras interpretações teóricas da elaboração conjunta de Marx e Engels foram os autodidatas e proletários Josef Dietzgen, Paul Lafargue e Antonio Labriola. Como escrito por Robert Michels em sua *História Crítica do movimento socialista italiano até 1911*, parece que o Labriola era mais estritamente marxista que Marx, o suficiente para rasgar o louvor de Engels e Franz Mehring, o guardião do *Graal* alemão marxista. O filósofo *strikter-marxista* (como Engels chamou) em 1895 foi o trabalho de divulgação do marxismo autêntico, na Itália, na publicação de ensaios na concepção materialista da história, entendida como um produto da atividade humana. O próprio homem, na verdade, através da criação de suas ferramentas de trabalho, altera o ambiente que, por sua vez, afetará ele e seu

real desenvolvimento. O marxismo apresentará a Labriola como uma “doutrina de método”, mas somente após um exame cuidadoso da dialética - em essência - pode ser incompatível com o método genético e até o momento hipergenético. Em todos os casos, Labriola sempre se recusou qualquer redução do marxismo ao cânone de interpretação histórica, embora seja clara a sua grande utilidade na revisão em curso da dialética hegeliana. Apenas o processamento, a este respeito, os livros de Marx e Engels para fornecer mais evidências de que suficiente filósofo italiano. Como é sabido, Hegel na esquerda (Bruno Bauer e David Friedrich Strauss, etc.) e direita (por exemplo, Karl Rosenkranz), a dialética é a do mestre, a luta em certas visões, digamos, ‘teológicas’. Ludwig Feuerbach realiza uma inversão da antítese dialética, por isso não é mais originada da idéia, do pensamento, mas a partir do material, o homem. Neste sentido

^{1*} Segunda Parte. Traduzione in portoghese del Prof. Patricio Djalma, FURB, University of Blumenau – SC, Brasile

^{2*} História do pensamento sociológico, SAPIENZA Universidade de Roma

continua Marx, para os quais existe a necessidade de uma dialética hegeliana de totalidade, de uma dialética que torna possível entender a realidade como um processo. No entanto, Marx rejeita o uso puramente especulativo e substitui a dialética como um processo de pensamento pela dialética como um processo de fatos relevantes. Engels, por sua vez, elabora as leis da dialética: o primeiro é a conversão da quantidade em qualidade, o que justifica o fato de que as mudanças e transformações revolucionárias que ocorrem de uma forma muito rápida, então após um período de maturação lenta, mas necessária; A segunda lei é a da chamada interpenetração dos contrários, em que as contradições e justificar sua natureza objetiva; e o terceiro é a lei que expressa a negação do condicionado histórico econômico expresso pela classe dominante à custa do proletariado e suas necessidades em modo que a consciência dessa necessidade de ser capaz de produzir uma nova realidade. Ao interpretar a dialética de Hegel, Engels enfatiza o aspecto naturalista, tornando a identificação da natureza e isto é assunto do entendimento da natureza da idéia, mas não para especular e sim uma situação única. Assim, Marx e Engels podem ser diferentes da visão dialética do universo natural, oferecendo uma contribuição original para a doutrina marxista, ver também o seu *Diaiektik der Natur*, livro publicado postumamente em 1925.

Desta forma, os ensinamentos mútuos são proferidos. Além disso, muitas das conclusões de Marx e Engels podem ser tomadas juntamente com a declaração labrioliana “teoria do conhecimento” em um verdadeiro marxismo que envolve a busca de um processo lógico e empírico da dialética, ou melhor, a ‘dialética da história’: a sociologia do conhecimento *subespécie*. Observe que essas concepções estão afirmando, em poucos anos de direitos de produção (lembra-se ela: *Em memória do Manifesto Comunista de 1895, O material histórico*.

Elucidación preliminar, 1896; e *Discurso sobre socialismo e filosofia* de 1898) nos últimos anos de sua vida, Labriola estará envolvido na maior parte em um debate acalorado sobre o legado do marxismo, a sua influência na Itália, em filosofia e sua estratégia política. Exercerá uma nota de crítica aos “revisionistas” Bernstein e Sorel, filósofos “de casa” como Giovanni Gentile e Benedetto Croce, que em 1937 - ano em que o Inglês deu à luz o marxismo como Análise de *Economia Política e capitalismo* por Maurice Dobb - vai se pronunciar sobre o nascimento e a morte do “teórico do marxismo na Itália e no mundo, combinando o período crucial entre 1895 e 1900 sem falar - muito - o renascimento da Europa dos anos 20. Como é conhecida B. Croce dedica sua memória a Labriola, que o iniciou a estudar o marxismo, algumas edições da coletânea de ensaios dispersos: *Materialismo Histórico e economia marxista*, citando um dos primeiros trabalhos de Gentile *La filosofia de Marx* (1899).

O fato, na Itália, o trabalho analítico escasso de reconstrução do desenvolvimento racional da sociologia do conhecimento, entendido como uma base metodológica para uma discussão rigorosa sobre a ciência derivada em particular da elaboração marxista. O ecletismo dos autores, quase o mesmo que Lênin atacada em seu livro *Materialismo e Empiriocriticismo* - professo em chave neo-kantiana filosófica e do recebimento de duas fontes do positivismo evolutivo e histórico materialismo do 800 europeu são provavelmente a causa de um declaração de crítica da tradição historicista e também de uma determinada apresentação empírica das ciências sociais patrocinados pela “história oficial” (não-marxista). A própria obra de Antonio Labriola, geralmente é enquadrada como “renovação filosófica”, tendo em vista a filosofia crítica da história e estudos envolvendo a escola hegeliana napolitana de Bertrando Spaventa, Antonio Tari e Augusto Vera para a saída dos escritos sobre

concepção materialista da história etc. Além disso, a colocação de Labriola na história do pensamento socialista tem sido controverso e debatido, tanto Gramsci e Croce, assim bem exposto, até 60 anos após sua morte (1904). Nos anos 70 e, em parte, na década de 80 do século XX começou, no entanto, para interpretar de forma mais clara o Labriola pré-marxista, como por um destacamento da reflexão intelectual-científico sobre o idealismo, fenômenos sócio-históricos e, de qualquer maneira, para a confirmação de uma tradição nacional de conhecimentos teóricos e mais ou menos sistemáticos. Isto parece não se aplicar para as suas relações com a sociologia, mantida a devida distância, mas somente em locais bem conhecidos da crítica ao positivismo ingênuo e inferior. Na verdade, as labrioliana teorias sobre o marxismo e do conhecimento, revela uma propensão acentuada para encontrar correspondências entre lógicos e empíricos fenômenos históricos do pensamento e da realidade, e da análise do social. A hipótese básica é por isso que na Itália precisamente, através de Labriola, não só tornar mais plausível para a fundação de uma abordagem metodológica para a epistemologia derivada do “Herbartismo post kantiano” e, em algumas variantes, filtrada a partir do debate sobre a ciência “do espírito”, mas a possibilidade de aparecimento de alcançar a definição da explicação sócio-histórica dos fenômenos típicos da análise de acordo com os cânones do caso (ou “relações” entre os fenômenos empíricos na psicologia). O método de genética reflete a abordagem científica, embora em contraste (como já mencionado) com a concepção de “dialética”, apresentado - na opinião Labriola - ha uma “sobrecarga” de semântica (*A concepção materialista da história*). E o mesmo parece aplicar-se à “metafísica”, entendida como uma questão essencial colocada por Sorel e discutidos em *Discurso*, isto é, mais uma vez, a grande questão da relação entre marxismo e ciência.

Antonio Labriola rejeita a visão ortodoxa de marxismo - onisciente, a fim de compreender mais precisamente como um “ensino progressista”, e assim como lemos em uma carta a Luise Kautsky do agora remoto abril de 1899. “Neste lembrou ironicamente o “enciclopedismo” de Georgi Plekhanov, o marxismo apenas no mundo da social-democracia internacional, na opinião de Lênin, foi capaz de impor o “ponto de vista” do materialismo dialético de “interpretações trivialidade” no presente dos “revisionistas”. Deve ser dito que Plekhanov recebido com grande favor de *Ensaio de Labriola* de, ao publicar não só mais a imprensa progressista e socialista russa, mas encontrar a sua profunda afinidade com o pensamento marxista, e assim filosófico como expresso na obra da década de 90 do século XIX: *Sobre a concepção materialista da história*. A forma ideal de afinidades está entrelaçada com uma possível revisão da dialética e da suposta unidade de teoria e prática, e como tal deveria ter sido realizada - de acordo com Labriola - entre materialismo histórico e socialismo.

1.2 A visão carismática do intelectual

O que Labriola deixou é um grande legado para as futuras gerações de analistas do materialismo histórico de uma maneira que, para seguir a *Ideologia alemã* de Marx, não é o ideal, mas o movimento em si que destrói o estado presente. Em sua *História da Liga dos Comunistas* em 1855 Engels afirmava que o materialismo histórico teria revolucionado a ciência da própria história, assumindo uma voz tão importante sobre o movimento operário em todos os países. O legado de assimilação do marxismo de acordo com estas fórmulas é inteiramente até os intelectuais e sua abordagem para o problema, mais ou menos independentes ou originais. Antonio Gramsci afirma: o problema mais importante parece referir-se ao surgimento de uma concepção de desenvolvimento histórico que também

pode ser identificado como um momento crucial de síntese e processamento de uma velha cultura das relações sociais e uma nova cultura. O italiano seria mais adequado para formular uma versão de ‘ativista’ do marxismo que revelam (além descida de um Bakunin e seus contrastes com as idéias de organização de Mazzini trabalhando com a mesma liberal de Marx), o atraso da síntese do materialismo chamado ‘vulgar’ e catolicismo popular, canalizada entre as massas. A “filosofia da práxis” vai presidir a atividade histórica das massas nessa versão antitética à experiência na organização da primitiva “senso comum” e de uma perspectiva que deve levar a sentir Gramsci, a unidade cultural da humanidade. Esta unidade é o desenvolvimento de possibilidade *real* do movimento histórico e justifica a busca da objetividade do conhecimento.

Gramsci amadurece este conceito em áspere controvérsia com a sociologia da época e com o materialismo mecanicista de Nikolai Bukharin e ou positivista (Veja, *O materialismo histórico e filosofia de Benedetto Croce*) e, de fato, parece não chamar a resultado imediato do ensino de Labriola, se não nas obras que se seguirão muito o período juvenil e também os primeiros momentos da formação do Partido Comunista, etc. Na verdade, a morte de Gramsci (1937) e mesmo antes da formalização de seus *CADERNOS DO CÁRCERE* os ensaios de Labriola foram reimpressos, assim, passando por uma difusão generalizada do que no passado, junto com outras grandes descobertas das peculiaridades gramsciana pensado para ter sido capaz de aumentar na Itália e em outros contextos do interesse pelo marxismo. Como muitos estudiosos e historiadores apontam para fora, e como pode ser visto nos *Anais e pesquisa ad hoc* sobre a história do marxismo italiano desde o final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX com perspectiva de Gramsci acaba por ser muito mais extensa e, diríamos hoje, avançado, considerando o ‘período’ crítico para a *Teoria do*

materialismo histórico, manual popular de sociologia marxista de Bukharin. Provavelmente reflete as características práticas da história do movimento socialista no mundo e mudança ocorridos no desenvolvimento capitalista, mais maduro e, ao contrário da crença popular, é uma pedra fundamental para a análise dos eventos da Terceira Internacional e as complexas relações entre o marxismo e o marxismo soviético europeu de 1920-1930. A original interpretação gramsciana do marxismo teórico no quadro das relações existentes das questões filosóficas e o socialismo não parece importarem-se desses estudos. O que nos afeta é a profundidade de suas investigações, sobretudo onde as idéias são formadas com base na fé revolucionária ou, como diríamos “típico” do vício intelectual e com o marxismo. Com referência a Gramsci poderia ser feito muitos exemplos a este respeito e, por muitas escritas e conceitos de origens: o conceito de “hegemonia” (que deriva do grego, *eghesthai, ou seja*, “para ser o guia”) e suas diferenças para as relações de forças e de questões ‘ética civil’ que, em parte, inspirado no relacionamento com o concerto do Estado e, em parte, várias questões da sexualidade e também da “ideologia feminina” (ver sobre isso em Antonio Gramsci *Notas sobre Machiavel*, mas profundidade do Engels de “*Origem da Família, de propriedade privada e do Estado*”).

No início do seu pensamento e história intelectual e humana, mas em vez disso, o “ponto de vista” Gramsci político implantado imediatamente em favor da linha desenhada por Lênin com Togliatti, Terracini e Umberto Tasca, fundada em 1919, o semanário “Nova Ordem” para apoiar a estratégia de conselhos de fábrica, os corpos proletária autodeterminação no caso de situação revolucionária, deve tomar a função dos “soviéticos”. O fracasso das agências, durante uma greve geral e ocupação em 1920, empurrando Gramsci e seu grupo para a criação de um partido revolucionário no lugar da vanguarda

do proletariado. A partir da divisão do grupo de “Nova Ordem” gramsciana e que os seguidores de Amadeo Bordiga, do Partido Socialista e “soviético”, nasceu em Livorno, em 1921, o Partido Comunista da Itália (membro da Terceira Internacional), dos quais Bordiga - cujo pensamento sobre certos ‘problemas’ é coletado na *Revolução Russa e da teoria marxista* - foi o líder indiscutível, e muitos que foram, então, cheia de violência e “maximalista”, mantiveram-se próximo do Partido Socialista da Filippo Turati (ladeado por Anna Kuliscioff no prelúdio reformismo “fin de siècle”), começando com o ex-republicano à la Claudio Treves - que dirigiu o *Avanti!* de 1909 a 1912 e colaborou com a *crítica social* etc. Já no ano seguinte Gramsci foi a Moscou como chefe do IV Congresso da delegação italiana, por sua vez, o comitê executivo do novo partido é nomeado pelo executivo da Internacional será formado por Tasca e Togliatti, Giuseppe Vota, Mauro Scoccimarro, Bruno Fortichiari e, mais tarde, por Egidio Gennari. Após uma estada em Viena, em 1923 (depois do seu casamento com Julia Schucht) em nome da ‘Internazionale’, Gramsci foi eleito deputado (1924) e voltou para a Itália sendo capaz de ganhar a liderança do Partido Comunista no Congresso em Lyon em 1926. Seu objetivo, surgido após a crise política que se seguiu a morte do secretário do Partido Socialista Unitário Giacomo Matteotti, foi logo para se livrar de sectarismo, e a origem dos resíduos abstratos presente no movimento revolucionário. A estratégia da política comunista deve ser dirigida ao destacar a crise da sociedade capitalista italiano. Em 1926 foi preso pelos fascistas e condenado a cinco anos de confinamento em Ustica. Mais tarde, foi submetida à Corte Especial e condenado a 20 anos na prisão, anos em que o foco de uma extraordinária retórica e tarefas de computação dos princípios do marxismo. Gramsci faz essencialmente três diferentes perspectivas teóricas de análise: o primeiro destina-se a uma teoria do imperialismo e do outro,

diz que a idéia de que a revolução está preparado e acelerado pelo proletariado visto como “classe nacional”, o terceiro trata finalmente, para definir o partido. Em todos os casos, de acordo com Gramsci, para criar uma nova “hegemonia” é preciso fazer uma análise de nível cultural e, não só da possibilidade de libertar as massas e tradições, mas também no sentido de redefinir a relação entre intelectuais e suas disseminação da ideologia. No entanto, como se lê em uma passagem do *Ressurgimento* um grupo social deve ser uma “liderança” muito antes de ganhar o poder governamental. Além disso, há elementos do partido fortemente relacionado à cultura latina, em que o comunismo pode tomar posse devido à presença da religião católica e da empresa revolucionária nos países latinos que será realizado sem violência se, entre outras coisas, só vai substituir a Igreja Católica. Esta teoria da revolução está em curso em longo prazo, e propõe a criação de uma estrutura não só política, mas também intelectual; intelectuais apenas, no entanto, deveriam ter - de acordo com Gramsci - o mesmo trabalho como uma obra de “carismática” e tem uma visão *de mundo* que tende a fazer uso de todas as instalações não organizadas pelo partido. A classe intelectual esclarece os escritos de Gramsci conhecida como a *Questão Meridional* (questão do Sul), e também em alguns dos seus *Quaderni* ocorre dissimetria que, por exemplo, afirmam que, como um conceito será expandido, para organizar o proletariado como uma classe precisa de líderes-intelectuais. O Partido Comunista, por sua vez, deve ser capaz de incorporar *prope verbis* a ‘visão carismática’ do intelectual, que é responsável por uma tarefa bastante importante por ‘difusão’ de cultura, mas também - e em segundo lugar - as funções iniciais, o que pode afirmar-se como muito crítico e perigoso às vezes (como mostrado, por exemplo, a história de ação de “progressista” como Lênin ou “reacionário”, como Napoleão III e Benito Mussolini). O

partido de vanguarda deve procurar fornecer um ponto de encontro entre o chamado intelectual “orgânico” e de um grupo social chamado intelectual “tradicional”, a aliança entre operários e intelectuais, definido como *massa*, parece pressupor a formação de um intelectual de classe (à esquerda) é cada vez mais orientada para o proletariado revolucionário. Na prática, como dirá Gramsci mesmo no Congresso Lione do Partido Comunista Italiano em 1926, o intelectual “orgânico” do proletariado não deve ser considerado pelo “ponto de vista” ideológico e crítica, mas da política e do lado da organização. Sua sociologia dos intelectuais (à esquerda) é independente, portanto, por aqueles que “acredita-se que seja o sal da terra e vê no operário instrumento o material de convulsão social, e não o caráter consciente e inteligente da revolução.” Qual a melhor formação para as gerações futuras?

O pensamento de Antonio Gramsci e sua reflexão sobre o materialismo histórico têm sido bem recebidos - e passou durante o século XX - em contextos que não o italiano, nomeadamente em França, nos países de língua espanhola e na Inglaterra. “Na Itália, a sua influência sobre ‘período’ os intelectuais e os partidos”, os marxistas e estudiosos da cultura e até mesmo moderada secular e católica tem sido sentida especialmente após os anos 20 e durante o período de anti-fascismo os eventos do PCI liderado por Togliatti e, portanto, durante a busca de mais um “autônomo” para o socialismo. O período de muitas décadas e os altos e baixos da vida prática e intelectual e de uma série de políticos “profissionais” e em frente “extremos” em um político deixado cada vez mais expostas às tendências têm fortalecido as origens democráticas debate sobre o que se deve ou não considerar a “classe política” e, como tal, por exemplo, o pensamento de Caetano Mosca, isto é, como uma minoria. No contexto dessa fase Antonio Gramsci e seu marxismo é concluído, aos poucos, no só-tão da história, mas não na historiografia. Tanto

que, apenas o que é possível - mesmo que em parte - a sobrevivência de seu pensamento na ‘consciência’ da história intelectual de extração não é de pequeno burguês ou classe média, as mesmas que o “marxismo ocidental” de Lukács interpretado de modo bastante diferente, e ostentava como tendo certa sua “filosofia” determinada pela “consciência de classe” da classe trabalhadora para: concepções que - ironia da sorte - encontrado em Gramsci um adversário implacável. Pense em 1926. Além disso, este parece também se aplica a esses esparsos intelectual marxista derivados que vivem o presente e que, aproveitando *a posteriori sobre o progresso do socialismo*, eles podem retomar seus artigos escritos sociológicos ou políticos a validade ou não da tese de Gramsci. Tomemos, por exemplo, para os intelectuais que enfrentaram o problema da fundação das ciências sociais marxistas, achando Gramsci um exemplo clássico de coerência que, em muitos casos, a sua própria obra de “leitura” foi mal adaptada para o desenvolvimento acadêmico da situação nacional. Na verdade, deve-se dizer que os anos a que nos referimos mais uma vez, são o ponto de partida de uma elaboração teórica sólida de intelectuais seculares. A que, naturalmente, deve ser adicionado ao debate em curso sobre a história do marxismo. Não se esqueça que 1927 marca o reinício da Itália na idade das trevas. O fascismo, com suas leis especiais, concebidos para destruir todas as formas de liberdade política, enquanto a oposição toma o caminho da prisão ou no exílio, e nasceu em “exílio” na França, que irá reconstruir a oposição antifascista; Pietro Nenni, Joseph Saragat, os acima mencionados Treves e Turati, Giuseppe Emmanuel Modigliani recolhem as fileiras dispersas do socialismo italiano e tentam recuperar “convergência” entre os opositores do regime (liberais republicanos e comunistas). Após a fundação da ‘*Quarto Stato*’ chega à França Emilio Lussu, Cano Rosselli e Francesco Fausto Nitti, que tiveram uma fuga

espetacular do confinamento para a ilha de Lipari; eles vão se juntar ao grupo bem conhecido de “justiça e liberdade” que, juntamente com o Partido d’Ação e ao grupo de intelectuais pisanos dito Calogero-Capitini que vai alimentar a Resistência, para fornecer o primeiro presidente da Libertação, Ferruccio Parri, que foi capaz de suportar até 1947, marcando assim a coexistência de princípios incompatíveis liberais e do socialismo. Na verdade, a era da “concentração de antifascista” marca o nascimento do “socialismo liberal” ou uma concepção do Estado que apela ao social-liberalismo e, em algumas das suas principais figuras, rejeita categoricamente a abordagem marxista, inspirado mais categoricamente com as idéias libertárias que de alguma forma fazem um vínculo ao socialismo, mesmo antes de Marx; no que deve ser lembrado que o conceito gramsciano do Estado será particularmente dissidentes opinião, apesar de seus contatos com os grupos de intelectuais com Gramsci em Turim inspirados na “Revolução livre” de Piero Gobetti, literatura que escreveu uma coluna sobre a “Nova Ordem”. Nestes casos, apenas o grupo de “Socialismo e Liberdade”, nascido em Paris depois da guerra, poderia muito bem representar as idéias de matriz gobettiana ou rosselliana, neste sentido, operando nas páginas da revista “*Les Temps Modernes*” de Jean Paul Sartre e da tríade Liberal do Merleau-Ponty, Raymond Aron e Albert Camus. A teoria marxista seguiria outra estrada.

1.3 Na esteira de Antonio Gramsci

O processamento gramsciano do marxismo e das questões de transição para a revolução democrática e socialista encontra correspondência exata em muitas das políticas e projeções culturais do Partido Comunista Italianas, a partir do período que marca o fim da Segunda Guerra Mundial. Na verdade, Palmiro Togliatti, lançou uma perspectiva revolucionária, meditada em 1944 e até 1947, o processo de desenvolvimento

do socialismo na forma da chamada “democracia progressiva”, muito diferente daquelas derivadas de economia, política e social do Outubro russo, porém, dividido pela URSS nos vários outros países europeus e continental. A perspectiva do novo processo avançado do socialismo não só interessado na situação peculiar italiano, mas também as experiências de países estrangeiros como a França, a Polônia e na ex-Jugoslávia: Como já foi dito no VII Congresso do partido o jogo entre a reflexão sobre as condições em nível nacional e/ou questões de unidade nacional e processo internacional foi destinada a durar. No oitavo Congresso do Partido (1956) a questão que a “democracia política” foi oficializada como a estratégia fundamental do futuro, sem a qual o socialismo se tornaria impossível. Foi então que nasceu o “caminho italiano” para o socialismo. A prova da importância dessas questões vai até o X Congresso de 1962, depois de quebrar a unidade do bem-sucedido antifascista, os anos do “zdanovismo”, de ‘centrismo’ e ‘guerra fria’, Togliatti quando vai voltar para apoiar estratégias democráticas dos anos 40 como se estivessem a ser considerado como o único processo viável de forma independente no sentido de escolhas políticas relativas ao mesmo processo histórico do partido. A coerência da tese e a reivindicação pareciam voltar *tout court* a análise de Gramsci (que Togliatti sempre o considerou como um “homem de partido”), mesmo em um período de forte preocupação dogmática com questões do marxismo-leninismo e do stalinismo, até o dramático vigésimo Congresso do PCUS que, de fato, de 1956 encontra o PCI bem preparado para reiterar a maneira independente do ‘novo partido’ (ou governo) na era atômica. No entanto, parece diferente sobre o “ponto de vista” dos socialistas italianos que - a seguir a pesquisa histórica mais recente - considera Nenni um dos líderes máximo de nível do soviético de Stalin a Malenkov. Por seu lado, Togliatti tinha enfrentado antes de 56 questões-temas como,

por exemplo, que alianças e a da paz que veio como temas o reforço da estratégia política internacional após o XXII Congresso e as várias conferências e organização, no entanto, no contexto da reformulação do socialismo na Europa Ocidental e muitas das propostas inovadoras que derrubou muitas teses clássicas do marxismo-leninismo. O *Memorial de Yalta* (em 'Rinascita' de 5 de setembro de 1964, com Prefácio de Luigi Longo) pode fornecer uma fonte bastante confiável sobre a ação da Comissão dos comunistas italianos o processo de renovação empreendida a perspectiva de unificação do movimento operário e socialista. Durante os anos de centro-esquerda (1955-1962) aborda Togliatti o problema da função dos intelectuais nos estudos gramscianos na Conferência de 1958 sobre o tema *O leninismo no pensamento e na ação de Antonio Gramsci*. Mas já no início do '50 a análise do papel dos intelectuais é a questão colocada por um lado, na busca de fundamentos da história marxista da Itália e, entanto, uma tentativa de melhorar as vertentes progressivas da tradição intelectual para fazer um compromisso nacional com a difusão mesma do Marxismo. Muitos anos depois, o marxismo é discutido sob o perfil ideológico e assim a erupção da "ideologia americana" das gerações mais jovens e do papel político intelectual; A filosofia marxista se torna o assunto e na premissa de possível reforma intelectual e moral através do qual os intelectuais podem contribuir para a formação de um "bloco histórico" que é enteso da Togliatti como: "a unidade entre a estrutura e sobre estrutura". O tema em questão irá para a formação de uma nova classe dominante, enquanto a dos anos 50 e 60 na pesquisa histórica, política, filosófica, sociológica e marxista está sendo desenvolvido de acordo com uma certa diversidade de "pontos de vista", que reproduzem - finalmente - também a crítica para o tema *destaque* da pesquisa de uma "estrada nacional" ao marxismo e do socialismo. Emerge na época as acusações

de "provincialismo" da linha que ligava a cultura política italiana a Francesco De Sanctis e a Gramsci, o idealismo cúmplice e o crocianismo; a mesma linha que Togliatti atribuía a formação intelectual do grupo Turim que fazia parte entre 1911 e 1919. O maior ensinamento recebido por Gramsci naqueles anos foi provavelmente o de ter de conceber o marxismo de uma maneira diferente de como ele foi projetado no Partido Socialista Italiano (PSI), no qual Palmiro Togliatti se juntou em 1914: redução principalmente à visão mecanicista e evolutiva, e esvaziou a concepção dialética da sociedade como um conjunto de relações onde o momento econômico pode ser dado entre política e cultura. Em Togliatti foi à esquerda da linha Marx - Labriola - Lênin - Gramsci - Partido Comunista: O que era realmente possível - depois de 40 anos - para ser capaz de traçar o desenvolvimento de uma visão de mundo. E também toda uma série de arte teórica para justificar o "caminho italiano para o socialismo", como ele tinha para suportar última entrevista dada ao 'Rinascita', uma questão de grande importância que após as eleições de 1963, poderia representar mais especificamente a necessidade de uma entrada no governo da maioria PCI, assim e como foi anunciado por Enrico Berlinguer, em 1972.

A "questão comunista" abriu um amplo debate entre as forças políticas e os meios, em parte, o legado contínuo do interesse em torno de - cada vez mais desvanecido em face da política atual - do pensamento gramsciano e a gênese de novas relações com operada pela renovação da Togliatti na ação do partido na esquerda italiana; em 1985, a Fundação Gramsci organizou uma conferência onde a reflexão sobre o trabalho de Togliatti seguiu - 20 anos após sua morte - algumas propostas de interpretação mais confiáveis outras questões importantes deixadas em aberto nos anos 50 dentro da alardeada "nacional marxismo". Apenas em torno deles e, ao lado do esforço considerável da distribuição científi-

ca das obras de Marx feitas naqueles anos por colaborações de autores e estudiosos como Dello Cantimori, Ambrogio Donini, Gastone Manacorda, Aldo Natoli, Cesare Luporini, Antonio Pesenti, Felice Platone e por Togliatti, desenvolveu uma certa produção intelectual durante os anos 70 que foi capaz de fazer - mesmo com os debates sobre novas revistas "Mundo operário", 'Crítica Marxista', 'O Contemporâneo', o já mencionado 'Rinascita', 'Jornal Histórico do socialismo', 'Aut-Aut', 'Sociedade' e muitos outros - o reconhecimento necessário na década precedente e, especialmente, de tal exigência para a montagem - em fim - a unidade da teoria (Marxismo) e prática (movimento sindical) em uma tentativa de conduzir uma análise em curso. Apenas sobre esta última questão deve ser lembrada a revista obreira de Raniero Panzieri (tradutor O *Capital*) os "Cadernos Vermelhos" do início dos anos 60 e as contribuições teóricas, e várias do mesmo período - 'Poder Operário' difundia precisamente então a idéia do grupo de "orientação elite" de um proletariado emancipado - o estudo das mudanças estruturais do capitalismo e as questões de história contemporânea, nos referimos a Lello Basso (que dirigiu o bi-mensal "Problemas do socialismo"), Bruno Trentin, Victor Foa, etc. Além disso, podemos nos referir ao trabalho de muitos marxistas membros (então declarados) como Pietro Nenni, Emilio Agazzi, Giulio Pietranera, Lucio Lombardo Radice, Cano Salinari, Ranuccio Bianchi Bandinelli, Cesare Cases, Ernesto Ragionieri, Giorgio Candeloro, Paolo Alatri, Gaetano Arfé, Paolo Spriano, Giuliano Procacci, Alberto Caracciolo, Antonio Pesenti, Emilio Sereni, Vincenzo Vitelio etc.. No mesmo período de empenada "neoiluminista". Deve-se mencionar a discussão entre filósofos marxistas - às vezes herdeiros inconscientes, juntamente com Rodolfo Mondolfo, e, especialmente, Antonio Lombardi temos Franco Banfi do humanismo marxista-clássica - e, como tal ocorreu, por exemplo, nas contribuições de Luporini,

Lucio Colletti, Nicola Badaloni, Enzo Paci, Luciano Gruppi, Mano Rossi, Galvano della Volpe etc.. Embora o interesse de muita pesquisa ao teórico cultural e literário e político, o historiador marxista e as ciências sociais estavam dizendo nos anos 70 com o trabalho de autores como Alberto Asor Rosa, Julian Manacorda Donoio Cano, Franco Cassano, entre outros, com os escritos de Valentino Giarratana, Biagio De Giovanni, Giuseppe Vacca, Zanardo Aldo e, finalmente, com a *introdução as ciências sociais* de Umberto Cerroni que na Itália ladeavam o *Esboço de uma sociologia marxista* de Zygmunt Bauman. O período também foi marcado por um notável ressurgimento de interesse nos editores e da publicação dos *Anais* do marxismo, muitos livros foram publicados pelo Instituto curado da Gramsci de Roma e os *Anais* foram publicados pela Feltrinelli de Milão. Etc.

Além disso, alguns filósofos, cientistas políticos e sociólogos do final dos anos 70 foram responsáveis por "abertura" do marxismo nos países socialistas.

Esses autores, entre os quais Semerani George, foi com os outros para difundir a produção de intelectuais pertencentes à cultura soviética através da publicação de revistas como a "Revisão Soviética" em páginas que foram realizadas idéias difíceis e controversas se espalhar para o "marxismo italiano" em relação a questões críticas propostos pela "sociologia radical" e/ou a "sociologia da alternativa" em contrário de versões mais ou menos conformista da cultura soviética (a controvérsia entre o filósofo Svjatozar Efirov e Franco Ferrarotti, por exemplo). As ruas estavam tão indicadas por partidos socialistas e inúmeras páginas de "humanidade variadas" muitas revistas no final dos anos 60, apontando sobre as questões da cultura, política, economia e sociologia e relações sociais, entre os quais foram: '*Nuova Rivista Internazionale*', '*Movimento operaio e socialista*', os '*Quaderni Piacentini*', '*Nord Sud*', '*l'homme et la société*', '*Belligor*',

'Problemi', 'Riforma della scuola', 'Studi Storici', 'Pensamiento critico', 'Ideologie', 'Nuovo Impegno', 'Contropiano', 'Rivoluzione palestinese' etc. Globalmente, esta floração continuou até o tempo de 'refluxo', por sua vez, também interessado no movimento estudantil, em que - em grupos ou formações, e mais ou menos sectários e duradouros (tal como 'Luta Comunista') - amadurecido por vários tópicos discutidos em 'orgânico' do intelectual da imprensa ou não. Em 1977, o auto desmembramento apenas o jornal "Lotta Continua" do grupo sobreviveu, enquanto ele estava realizando o processo de nomeação de uma 'Nova Esquerda', que decorreu paralelamente à proposta de "compromisso histórico" do PCI com os democratas-cristãos (DC). Muitos líderes dos movimentos e intelectuais das universidades identificadas em locais onde o trabalho privilegiava críticas sobre "Refluxo", que poderia também solicitar as posições dos novos atores sociais (jovens, mulheres, os marginalizados, os desempregados) em movimento sindicatos e partidos políticos. Além disso, o debate sobre o fascismo italiano ou a mesma cultura "escatológica" do marxismo e do movimento poderia ocorrer e persistir para além da violência urbana e extremista ("Autonomia dos Trabalhadores da linha dura") e a estratégia de loucos terroristas (libertário ainda mais ou 'conspiração') contra o Estado burguês, mas na verdade o "Sessenta e oito" não estão prevista em toda a temporada seguinte do terrorismo.

No final dos anos 70 e início dos anos 80 foi registrado o declínio da mitologia marxista, quando, por exemplo, Norberto Bobbio, filósofo secular da virada socialista modelo '78, assinado por Bettino Craxi, não hesitou em declarar a morte de Marx na frente do Estado liberal-democrático. Na verdade, era mais o tempo de 'pluralismo socialista' reivindicado por Craxi, enquanto o fracasso do marxismo no Leste coletivismo se torna evidente até mesmo entre os membros do PCI como Pietro Ingrao, que era o Presidente

da Câmara dos Deputados. Ele não fez e, no entanto, naquele momento que as medidas políticas são transformadas em oportunidades de interação e debate, como as promovidas por grupos de diversas fundações e do "Instituto de Estudos Históricos Socialista", como ele poderia coletar vários tipos de contribuições impressas em Mondo Operaio — Edições Avanti.

Durante os anos 80 e - até o limiar da década seguinte - não falhou até mesmo a aparência de ainda outra crítica do pensamento de Marx, mantida viva na alternância entre as diversas condições dos piores 'pós-moderna' e a memória do movimento operário revolucionário, pelo contrário, deve-se dizer que alguns sociólogos políticos, de inspiração marxista (Umberto Melotti, autor de *Introdução à Sociologia*, e "Terceiro Mundo" sua revista) tentaram realizar uma análise especial dessas categorias e relações encontradas a quase zero nos textos de "oficiais" marxismo durante os anos 70 e 80: por exemplo, aquelas entre a divisão do trabalho e das classes sociais, etc. O centenário da morte de Marx viu reunindo em torno de suas revistas italianas, como o Terceiro Mundo" acima mencionado, mas também "Fenomenologia e sociedade", "Lineamentos: que marxismo hoje?", "Cadernos Racionalistas", "Rossoscuola", etc. o passado e o presente de um desenvolvimento crítico de certos teóricos e históricos da transição "para além do capitalismo", muitas vezes identificados --. Erroneamente como uma transição para o socialismo

Por outro lado, no final dos anos 80, a mesma experiência de Gramsci é concluída junto com uma fase histórica agora completa, após a reavaliação dos eventos que vêm para Togliatti novas e história política do comunismo e da história do Partido Comunista Italiano, o que leva ao XIX Congresso extraordinário e do nascimento do Partido Democrático da Esquerda (PDS), que tem a tarefa de reabertura política de Berlinguer: a austeridade do "compromisso históri-

co”, a “questão moral”, em comparação com o PSI de Craxi etc. Que parece que a maioria dos “governos das coisas” o socialista, para muitos intelectuais do Partido Comunista, o marxismo à la Gramsci parecia encarnar a ciência da transição. A própria idéia de socialismo poderia ser dito para ser transformado em uma visão de sociedade avançada para a implementação do pluralismo genuinamente tensa na liberdade e na democracia (a sociedade liberal). Socialismo e seus novos intelectuais (os analistas do moderno ‘Príncipe’) poderia ter sido reconhecidos neste processo todo, ou tornar-se *como um* a negação: isto é, ‘estar fora’ da democracia

II - Pesquisa sobre a genesis e a práxis

2.1 Introdução

Na Itália a necessidade de pesquisa sistemática sobre as fontes de produção da época da fundação sociológica (aproximadamente o ano em que aparece o “Jornal italiano de Sociologia”, 1897 e arredores) ocorreu simultaneamente afirmar o movimento de crítica ao positivismo pelos teóricos do socialismo científico e os “especialistas” das obras de Marx e Engels. Especificamente, a teoria hipergenética eclatante de Antonio Labriola pode ser considerado um exemplo no desenvolvimento da reflexão sobre as ciências empíricas sociais, no sentido de que dele é mais difícil de recorrer ao uso das fontes tradicionais de produção de conhecimento como o filosófico e especulativo. “Grande parte da historiografia “oficial” falou da culpa para ‘renovação filosófica”, em outro sentido. É como se algum histórico italiano e sociólogo reconhece os limites da contribuição em ‘singular’ para o desenvolvimento sistemático da disciplina, não pode refutar a existência de fontes racional da produção (e muito menos a pesquisa substancial da historicidade da sociologia da ciência empírica) ou uma interpretação bastante “convencional” historiografia “oficial” dessas fontes. Para escl-

recer, não é por acaso que alguns clichês sobre o positivismo italiano, podem agora se mover livremente, sem exigências especiais de investigações e pesquisas sobre as ligações genéticas que se ligam, por exemplo, sociologia e positivismo em um sentido lógico-histórico, conduzida por ‘sociólogos da história” ou sociólogos da ciência e não por históricos no sentido estrito. Sociologia, desde o início não é o todo sociologia positivista. É provável que a persistência da necessidade de reconhecer, embora geralmente uma genética contínua auto-definição é uma nova exigência de pagar para sondar as fontes de produção com ‘percursos’ sistemáticos de pesquisa que pode explicar o desenvolvimento da teoria processual no pedido e encontrou unidade lógica de conhecimento, sem expurgar a obra histórica de textos científicos. O que se segue é uma tentativa de reconstruir estritamente, embora sinteticamente, o desenvolvimento racional da ciência sociológica de Alexander Gropali (Cremona, 1875, Milan 1959), restabelecer ligações entre as fontes produzidas e processualidade a partir do qual emergem empíricos ‘materiais’ (teórico e histórico) em consideração. O período é limitado aos anos em que é formado o desenho genético da sociologia de Gropali e sua reflexão sobre o socialismo científico e a defesa da teoria de Marx. Novamente, há uma chance que muitos aspectos resultantes do registro histórico ‘oficial’ sejam anulado e muito negligenciado por historiadores do desenvolvimento da sociologia como uma ciência positivista, na Itália. Por vicissitudes da prática da vida intelectual, que durou mais de meio século, a sociologia da Gropali foi incorporada como um todo, entre a teoria positivista e a ‘Filosofia do Direito”, aplicado ao conceito de sociedade entendido como ‘relação empírica’; deve-se notar que a lei é concebida da Gropali não apenas como a forma, mas em seu conteúdo objetivado. Sua primeira produção, incluindo *A gênese social do fenômeno científico*, que é de 1898,

não é visto como uma contribuição para a sociologia da ciência, embora possa ser considerado, pelo menos em parte e, no seu *desenvolvimento racional* como um estudo metodológico sobre a produção de ‘material’ que afetam a *fundação* da sociologia como uma ciência empírica. As principais fontes de Groppali são os livros positivismo evolucionista e materialismo histórico. A principal intuição leva à descoberta da prática como um grupo incorporado na gênese do homem-natureza-ação, ou seja, como um produto da investigação de uma casualidade histórica.

2.2 A história de uma ciência e o problema da história

A Gênese social do fenômeno científico (na edição Bocca, Turim, 1899 com prefácio de Roberto Ardigo) representa uma introdução para uma história crítica da sociologia, contemporâneo do autor, e é a tese de doutorado em filosofia em que discutiu da Universidade de Pádua. No trabalho é compreendida a história da ciência como uma “série de aproximações”, cada um dos quais seria um esclarecimento das investigações ocorridas mais cedo. Para Groppali a história da ciência não é a negação contínua das reivindicações, tese e antítese; mas como um produto do intelecto está relacionado às determinações reais e objetivas seja da natureza que do espírito humano e “a necessidade perene de cooperação social”, como alegado pelo Ardigo (Veja op. cit., IX). Em geral, existem bases teóricas para o autor a refletir sobre o problema de permitir que a história da sociologia, contemporâneo a ele. Para ele, o esforço principal é entender, em primeiro lugar, um distanciamento ocorreu a partir dos critérios de seleção imposta pela onipotência da razão (século XVIII), em favor de “um fenomenal advento” que impedem você de continuar a acreditar que a razão poderia ser construída a partir do nada “e que seus resultados eram independentes das variáveis laboriosas de condições de tempo e espaço” (in

op., II, já referido. p. 25). De fato, após a crítica de Kant, com a relatividade do conhecimento, a terra da fé cega no absoluto parece impraticável. Apesar de que Immanuel Kant surge como um residual de “objetivismo racional” (in op., P. 26). E não apenas em Kant. Mesmo o incognoscível Herbert Spencer registra do mesmo tipo de sedimentos objetivos - na opinião de Groppali - impede a concepção de história da ciência como uma história progressiva libertado do suprasensível. De fato, para Groppali, o positivismo de Auguste Comte como o evolucionismo spenceriano não podem liberar da incognoscibilidade de pensamento, que - ao contrário - mas consegue Roberto Ardigo. Para Ardigo - de fato - é possível investigar o infinito na evolução natural da pesquisa histórica. De lá, parece esclarecer o Groppali como: “(...) a ciência, longe de ser um reflexo do absoluto da nossa razão, é também o produto da objetiva casualidade histórica às condições de espaço e tempo” (*Gênese social e etc.*, op. p. 28). Para ele, o Comte e o evolucionismo são relevantes na descoberta de que a “experiência individual” não morre com o indivíduo, mas parte perpetuamente ativa no círculo “da história e da sucessão de experiências (...) transmitida, por meio da imitação, tradição e educação, as gerações que se seguem” (in op., pp. 28-29). Essas contribuições, como afirma Comte, declarando que “o tecido da história é a influência gradual e contínua” (ibid.) que são transmitidos a experiência de gerações. Estes “reviver a história de idade, receber uma herança que eles deixaram maior (...)” (ibid.). Eles - na verdade - dão origem “para o movimento ascendente da civilização e do progresso da ciência” (ibid.). Para Groppali, todo o método a essas necessidades “para investigar formas de formação da ciência causal foram resumidos e colocados em uma concepção orgânica e unitária do materialismo histórico” (em Op., Cit. 30). Em sua opinião o materialismo histórico seria a expressão mais madura de um relativismo científico

moderno “ como aquela que (...) - afirma - longe de ser o presente sob a aparência de uma construção a priori da história ou de um rígido sistema de idéias e permanentemente fechado, nada mais é que um certo modo de interpretação da vida social, ou melhor - continua - uma forma de explicação do movimento histórico, realista, crítica, dialética evolução (...)”(ibid.). Groppali está convencido de que sua discussão é válida devido ao fato de que esta forma de “explicação do movimento histórico”, que não leva em conta elementos “em busca da realidade fornecida pelas observações impessoal” (ibid.). Tentando também “para determinar o valor e trazer para fora as causas reais e os títulos especificados aleatoriedade que se move e une” (ibid.). Deve ser dito que o Groppali retoma o acima em seu *Ensaio sobre a Sociologia*, que é uma obra do final do século XIX, e precisamente em *caracteres diferenciais e conteúdo materialismo histórico* (veja p. 127 e ss. Parte II), clarificando o caráter tríplice - de fato -, dada a nova visão da história, como observado acima, adjetivos para a *realista, crítica, dialética ou evolutiva*. Após estas declarações o autor estuda a contribuição em mais teoria analítica social de alguns escritores, ou como diríamos hoje “analistas sociais” mais próximos do conceito enunciado por Comte a Émile Littré, de Andrea Angiulli a Icilio Vanni, da Giovambattista Vico a Carlo Cattaneo e da Ardigò a Marx; da Spencer a Franklin H. Giddings, Ludwig Gumplowicz, Moritz Lazarus, Heymann Steinthal, Benjamin Kidd, Alfred-Jules-Émile Fouillée, Guillaume De-Greef.

Na verdade, a excursão sobre as teorias destes autores devem demonstrar os vínculos que ligam a ciência e a civilização “raízes profundas que ele precisa na vida” (in op., cit. p. 67). Todos eles devem ser capazes de admitir que a ciência “é uma formação histórica especificado de condições específicas, em função do que muda e evolui” (ibid.). Mas, na opinião do autor, como independente retratam a histó-

ria do que tinha sido previamente declarada dependente “e intimamente ligado com o fluxo da vida” (Ver III, cit. P. 67).

Seu estudo, em vez ha tarefa de demonstrar de forma sistemática “como sujeito, como no curso da história, em geral, reverbera quase escorço, o curso da história geral, e como qualquer ciência liga-se a dinâmica complexa da civilização do que é apenas um reflexo das ideológicas e com todas as outras ciências através de uma série complexa de conexões e relacionamentos e influencia o desenvolvimento de ativo e passivo “(ibid.). Groppali identifica três fases da evolução histórica do conceito de ciência que são refletidas na história da ciência. A primeira etapa é que Ernst Bernheim chamado narrativa ou exposição, e a segunda é a que define o pragmático mesmo e instrutivo, e, finalmente, a terceira chamada evolutiva ou genética. “No primeiro desses passos apenas procura apresentar o que aconteceu, é ordenado na segunda narrativa dos eventos em conjunto para que o resultado provasse a validade de uma teoria pré-concebida, ele correu em muitas vezes enviesada, você quer explicar no terceiro como tem um fenômeno histórico específico, e o que ela representa em termos do que outros eventos se desenvolvem “(in op., IV, já referido. p. 70). Tão claramente expressa por Bernheim, estas maneiras de preparar um histórico dos eventos foram acompanhados por “razões psicológicas”, que assumiram formas particulares.

Para a narrativa, por exemplo, interesses estéticos; a necessidade de elaborar cronologia dos acontecimentos políticos e notas e para destacar eventos que eram em sua maioria governantes etc. No entanto, para os passos pragmáticos e genéticos “é os psicológicos motivos reduzem - explica Groppali - por um lado, o desejo de aprender e de prender alguma coisa com os eventos ocorreram, e os outros com o desejo puro, livre de qualquer pré-conceito subjetivo, de decifrar o curso e as leis da história

“(in op., pp. 70-71). Em geral, a idéia de Bernheim e Groppali é que: “enquanto a história vai para o estágio de narrativa, ele só trabalha com dados e as relações externas que caem sob os sentidos, a história pragmática lida com assuntos internos e psicológicos, e a genética também de fatos internos e externos: a primeira trata as pessoas mais importantes, a segunda daqueles de quem você pode sair com este para algumas aplicações, a última de todas as pessoas como membros de uma grande sociedade humana, e só desse ponto de vista é a história universal verdadeira “(in op., cit. p. 71).

As considerações acima podem muito bem refletir-se na história da ciência. Isso é verdade - tanto que para Groppali e Bernheim - desenvolver um estudo maduro da própria história, obtidos graças a novos genéticos e / ou de desenvolvimento. Não é tudo. Para o autor, ainda é necessário conectar a história da ciência com a história da civilização. “Para estudar a evolução interna do pensamento, que se manifesta em sistemas - científicos e filosóficos -, temos de adicionar o estudo externo da evolução dos processos científicos, sempre assume que as taxas especificadas no ambiente histórico” (in op., cit. p. 75). O problema é que você pode explicar como “um determinado corpo científico, além de representar um tempo em cada fase da evolução do pensamento infinitamente progressivo, encaixado em uma dada estrutura social e fazer um com este (...) “(In Ibid, p. 75-76 cit..).

Até então - Groppali continua - a capacidade de fazer valer o conhecimento da história “da gênese verdadeira e efetiva formação das ciências “ (in op., citado p. 76), pode ser reduzida “(...) propomos - esclarece o autor - para perguntar por que meios ocultos os dados sobre a natureza e da vida social e eles se transformam em algumas disposições étnicas determinados, através de cadinho intelectual de determinadas pessoas em determinadas formações ideológicas especificado, e falar mais claramente, em

certos especificados sistemas científicos e filosóficos que surgem e se espalhou devido às semelhanças nas condições sociais e ao consentimento geral e mentes em um mesmo lugar “(ibid.). É bastante óbvio, como o materialismo histórico, fornece evidência de uma fonte prática de esforço científico e evolução interna e externa à ciência, como Groppali tentando provar.

O materialismo histórico - na verdade - separa-se da pesquisa para a ciência e exige a priori “para estudar apenas as condições, os relatórios, os fenômenos correlativos juntos. Para o materialismo histórico todo fenômeno é o produto de sua taxa de ambiente, de onde resulta que, a fim de ter uma lógica e as condições específicas que reconstruir cerca determinantes geneticamente” (in op., V. Cit. p. 86). Em resumo, isso significa - mas como já disse - para estudar as relações existentes entre os fenômenos. O mesmo pensamento - assim como outros fenômenos - histórico - (. Em op., cit. p. 88) “entra as suas raízes e encontrar a razão para o seu desenvolvimento nos fatos”, sustenta a Groppali. E o mesmo se aplica a teorias científicas. Mesmo estes últimos: “pressupõem um campo particular de condições sociais, uma data de atmosfera intelectual propícia, uma série de intelectuais específicos e coletivos para atender às necessidades, uma data especificada cadeia de esforço de que eles não representam o último elo a mais perfeita, porque muito menos preparados e transformados “(in op., cit. p. 89).

Falando de teorias, o Groppali compara suas idéias com as de Achille Loria e menos ingênuo do que Marx. O espírito que move é o que nos faz exclamar Labriola de falar brevemente com a *Filosofia e o Socialismo* (1898) que o pensamento mais realista científico pode definitivamente continuar “da vida ao pensamento, e não do pensamento para a vida (...). Do trabalho (...) para aprender a teoria abstrata, e não deste para aquele. (...) Uma vez que as necessidades de crescimento das forças mito-poético ocultas da

natureza e não vice-versa (...)" (Veja A. Labriola, *Ensaio sobre o Materialismo Histórico*), etc.

Este tipo de abordagem 'experimental' permite o desenvolvimento da ciência para as intenções do materialismo histórico que explica "o que o homem fez para si" (*Gênese social etc.*, op., cit. p. 126). O "juízo" é útil para discutir o desenvolvimento da história da civilização como a da história da sociologia. Na verdade, será a história genética do mesmo, a história de uma ciência eminentemente "sintética e complexa".

2.3 Sociologia e materialismo histórico

O livro *Ensaio de Sociologia* (1899) - Edição Battistelli, Milão, prefácio de Alfonso Asturaro - é uma tentativa de delinear uma série de temas - na opinião de Groppali - compõem "o objeto da sociologia e materialismo histórico" (in op., cit. X). No texto *As características fundamentais dos fenômenos sociais e o problema da sociologia*, o autor coloca a tarefa de investigar "as características diferenciais de um fenômeno, o tema de uma ciência especial" (in op. cit. p. 23).

Deve ser dito que estas questões são sempre muito presente no interesse da Groppali, até determinar o desenvolvimento de sua reflexão teórica sobre as ciências sociais e sociologia. Isso, como vimos, pode ser considerada uma "ciência especial". Discutir, então, os "personagens diferentes" significam "para dar um pouco de ordem aos materiais na falta de prática, a uma peça perfeitamente lógica e orgânica, vital de cada argumento, então tateou, para o que quer que o caráter e a aparência do fenômeno social, para designar a linha de fronteira que separa o campo da sociologia de outras ciências afins" (in op., cit. p. 47). Em parte, essa tentativa, lembra Icilio Vanni da *Primeira de linha de um programa crítico em sociologia* (1888), que na verdade retoma Groppali (Ver p. 24 e nota 1). Mas, na verdade, que é para Vanni que Groppali estabelecem as fronteiras que separam o verdadeiro domínio da sociologia das demais ciências é vital. Isto

é evidente por muitas razões. Por exemplo, para levantamento das peculiaridades de uma ciência certamente serve para estabelecer o progresso da civilização, cujo trabalho poderia ser, ou não, a organizar de forma permanente a sociologia (Veja, op., Cit. P. 25) "moderna". Groppali está convencido da necessidade de afirmar o que histórica, lógica e, portanto, a utilidade de passar criticamente as várias correntes que dominam o século XIX até e incluindo o XX. Para ele, é a verdade incontornável de que "na compilação, em suma, os elementos e seus relacionamentos é a origem de novas propriedades, novas questões emergentes." E que: "A complicação é também intrinsecamente qualitativa uma complicação quantitativa" (em op. cit., p. 40.). Isso significa, por exemplo, "como na transição do fenômeno físico ao fenômeno químico, a partir de químicos biológicos, de um para o psicológico ao sociológico não é nenhum real interrupção: é a continuação do mesmo processo, o impulso perene a mesma força que vai de uma extremidade do universo e da vida que difere em variedade de formas" (ibid.). Groppali na prática nesse caso refere-se a fenômenos biológicos e sua diferenciação daqueles sociológicos - apenas "um fenômeno sociológico e está intimamente ligado com o biológico, que se desenvolve e refina um fenômeno torna-se mais distinta e independente" (ibid.).

O raciocínio é apenas indicativo, mas envolve o processo pelo qual os personagens na ciência são mais credíveis detectar a possibilidade de afastar o geral a favor da individualidade. A autonomia da sociologia foi criada para Groppali - não além do diversos representantes da várias formulações teóricas que preparam - o desaparecimento de pontos de vista mecânico e fatalista da vida social capazes de fechar em "rígidas malhas" a atividade do indivíduo. O momento, mas, onde há uma teoria que demonstra "como o homem o principal ator do grande drama da história (...)" (em op., cit. p. 54.) É como a consciência da

liberdade como “a atividade do indivíduo na complexa dinâmica da história não é apenas aleatório e arbitrário, mas é, por sua vez, estimulado ou paralisado, sempre regulado, pelas atividades de outros indivíduos e as necessidades da vida comum” (Ibid., cit. pp. 54-55). “Se até aqui - diz Groppali - é concordância completa entre os vários sociólogos unanimidade só é alcançado quando se trata de ação de negociação sobre o rumo da evolução social” (in Op., Cit. p. 55). Mais analiticamente, o estudo da interdependência entre os fenômenos sociais que “têm apenas um objeto e seus personagens bem definidos” (in op. cit. p. 57) e que pertencem a categorias, faz com que a existência visível de ciências que têm de lidar com as próprias categorias si mesmos, mas não de forma isolada. A partir disso, é bastante claro Groppali “a legitimidade de um coordenador de ciência e sintéticas, que, depois de ter analisado as relações que existem entre as ciências sociais especiais e depois de ter analisado os últimos resultados a que lutaram arduamente eles vieram, tentando investigar as leis gerais que regem o desenvolvimento de uma sociedade” (in op., Cit. pp. 57-58).

Mas de fato, a sociologia antes de ser “sintética e coordenadora, deve ser inspiradora e diretora das ciências sociais especiais (...) que vai estimular novas investigações (...)” (in op., cit. p. 58). Em uma palavra: “sociologia é realizar no campo dos fenômenos sociais que funcionam investidos em que a filosofia mais ampla como as de todas as ciências” (ibid.). Aqui, novamente Groppali retoma Ardigò, quando ele define a filosofia (ver o estudo por escrito da história da filosofia, Obras Filosóficas, vol. II, Pádua, 1884, p.418). No final é capaz de apontar coerente com esta idéia de sociólogos e da sociologia geral variando de John Stuart Mill em De Greef, por Lester Ward, da Asturaro Vanni, em contraste com os pontos de vista “muito uniforme” de Comte e menos clara e explícita de Herbert Spencer e Albert E F Schäffle.

A sociologia, depois de estudar entre outros fenômenos, “o ambiente físico etnografia, e demografia de uma população, tornando-se uma disciplina eminentemente filosófica, bem como a Asturaro diz - Veja *Sociologia e ciências sociais*, Chiavari, 1893 - por um lado, é com base nos resultados das ciências sociais e unifica, o outro reage constantemente imprimindo-lhes renovar o seu movimento” (*Ensaio de Sociologia*, op. cit. p. 58).

Segundo Groppali o materialismo histórico não é uma teoria, mas sim “um método”, isto é, uma forma de interpretação, uma ferramenta de explicação da vida social, ou melhor, todo o movimento histórico, que trabalha, tendo como objetivo principais causas do mecanismo de material e financeira da sociedade” (ibid.). Além disso - ele argumenta - como o positivismo (que é o mesmo método) pode ser responsabilizado quando mal interpretada, como deve ser apontado - e não apenas em sua opinião - nas interpretações de Loria. Este perde o aspecto substantivo da doutrina de Marx e Engels, que é para “investigar os meios práticos de propósito a formação dos fenômenos sociais, dos quais você deve sempre procurar as condições específicas genéticas” (ibid.). Loria esvazia a doutrina esquematizando-a. Ao contrario, o materialismo histórico, distingue-se pelo seu caráter triplo Isto é realista, ‘crítica’ e dialético. Realista, pois “ignora a realidade histórica que a descoberta feita na sequência de uma observação impessoal (...) (Em circunstâncias Op., Cit. P. 130). É crítico para analisar “os dados fornecidos pelas realidades e destacando suas causas reais, não de conteúdo para desenhar, como os evolucionistas fazem o esquema de paradigma, mais ou menos conseguido, os vários fatores aspectos físicos, biológicos e sociais da civilização, mas (...) tentar aceitar o valor destas causas reais e concretas (...)” (ibid.). Finalmente dialético no sentido indicado por Engels, que se refere a uma concepção de história viva e orgânica-.

Note-se que para Groppali a concepção materialista da história é separada da sociologia resultando ocorrendo simultaneamente - Ver, por exemplo, a escrita sobre as diferenças e as relações entre darwinismo, evolução e materialismo histórico - (Veja em Op., PP 137-143.) para levantar finalmente - para as necessidades do sistema, método histórico genético, como exemplificado na Itália somente por Antonio Labriola.

III - Epistemologia e marxismo

3.1 A especificidade do marxismo

Não são muitos os estudiosos contemporâneos que tendem a pensar que apenas as questões epistemológicas do marxismo ajudou a construir algo de concreto: *solida quaedam res et expressa*. Como era nos anos sessenta do século passado Galvano Della Volpe e Louis Althusser tentaram fazer uma leitura do marxismo à luz das suas relações com a teoria da ciência. Do lado da produção, deve-se dizer que a pesquisa foi realizada na mesma época, apesar da *Lógica como ciência positiva* de Della Volpe foi publicado em início anos 1950. A gênese do pensamento dellavolpiano representa - é fato - uma soldagem golpista do marxismo com o racionalista e iluminista; em desacordo com os hegelianejante marxistas, Della Volpe também parte da crítica ao atualismo para empreender uma instância de tipo empírico. Hegel, em sua opinião, não consegue superar a Aristóteles anti-platônico, com sua carga de empirismo e do pluralismo (ver *Crítica de princípios lógicos*, 1940). Esta abordagem pode ser tomada como um *materialista* até a confirmação de alguns detalhes que levaram o autor à afirmação de que Marx - em contraste com Hegel - basearam-se em Aristóteles e sua tradição. As contribuições de Della Volpe estão dizendo ao longo de uma rota que, por exemplo, podem ser encontrados no ensaio sobre a dialética da contida na *Liberdade Comunista* (1946) e pesquisas de natureza materialístico-histórico usado em *Logica*

como uma ciência positiva (e *Lógica como uma ciência e história*) que *Rousseau e Marx* (1957) e na nota Crítica de gosto (1960) com uma espécie de epílogo do volume de resumo de ensaios sobre teoria dialética: *Crítica da ideologia* que é contemporâneo, em 1967. Na verdade os argumentos contidos em *A liberdade comunistas* e nos textos citadas acima, ou seja, *Rousseau e Marx* e *Crítica de gosto* e pertence à vertente filosófica e política de sua produção.

A primeira destas obras é, de fato, um problema na teoria política e metodologia das ciências histórica social um ponto de chegada importante, que abrirá o caminho para a evolução posterior da análise dellavolpiana. No texto, o filósofo empurra sua análise crítica da história e da filosofia em torno do conceito de 'pessoa' e reconstrói 'humanista' e até mesmo os antecedentes 'social espírita' auditores "clássicos" do marxismo como Bernstein, Kautsky e Rudolf Mondolfo recolhendo social-democrata interpretação de Marx para seus antecessores "burgueses" (Rousseau, Kant e John Locke). Em *Rousseau e Marx* (1962), escreve o mesmo Della Volpe no prefácio à segunda edição (1963) *Liberdade comunista*. "Eles vão receber 'este estudo aprofundado da kantiana e pós Russeau, uma indicação de seus aspectos positivos e historicamente esgotados, ajustando a opinião de Rousseau e Kant em uma ampla perspectiva histórica ideal". Esta operação, que tende a reconhecer a historicidade e a especificidade do pensamento de Marx, Della Volpe estaria em uma justificação profunda, especialmente na tentativa de estabelecer historicamente o conceito de "legalidade socialista", um esforço que pode ser ligado na final, uma interpretação dialética dos problemas filosóficos de que o marxismo não é apenas o princípio fundador, mas também o objeto. É adequado para o trabalho proposto *Rousseau e Marx*, historicamente dominada por razões liberais. Em face de uma salvaguarda da ortodoxia marxista e idealismo eclético do revi-

sionismo velho e o novo, que será a segunda instância das questões da *Liberdade comunista*, Della Volpe propõe uma crítica conjunta - o mais próximo possível do autêntico espírito marxista - dos conceitos fundamentais de *Manuscritos econômicos filosóficos* de 1844, como “natureza”, “homem”, “sociedade”, “alienação”, para uma avaliação de reconstrução do pensamento de Marx. No contexto orgânico da obra, o autor adicionou a escrever *Sobre a dialética* de 1962, uma espécie de “desenvolvimento” (realizada com base na Introdução de 1857 à *Crítica da Economia Política*) da metodologia de Marx, em relação às categorias econômicas e em oposição às concepções a priori dos economistas várias burguesa. O «desenvolvimento» será útil ao mesmo Della Volpe articular (em uma polémica com Luporini e tempo com a ‘combinação’ Sweezy-Lukács, por exemplo) mais uma análise crítica da relação histórica e lógica entre o passado e o presente no reconhecimento específico dos mesmos processos históricos e, em particular, à salvaguarda da especificidade da metodologia e da teoria do marxismo.

A busca de características atribuídas a Marx e sua produção científica também afetarão Althusser, no período de maior desenvolvimento e disseminação algumas de suas idéias básicas, que, no entanto, coincide com a publicação de duas obras *Pour Marx* (1965) e último *Lire le Capital* escrita com os alunos Etienne Balibar, Roger Establet, Pierre Macherey, Jacques Rancière e apareceu na França no mesmo ano que o anterior (a versão italiana será lançada em 1968). Althusser entra em conflito com o marxismo tradicional, aonde ele vai levar a propor uma leitura diferente dos primeiros escritos de Marx influenciado, como se sabe, a partir de Hegel e Feuerbach e também, até as obras maduras - como *O Capital* - onde mais evidentes irá estabelecer uma lacuna de matriz epistemológica: um real ‘quebra’ entre a maturidade científica de Marx e seu passado especulativo, outras pecu-

liaridades dessa tese pode ser rastreada no ensaio sobre Feuerbach de 1967, uma vestígios escritos - mais em detalhe - gênese do conceito da ideologia.

Os termos da busca da especificidade do marxismo em Althusser referem-se ao surgimento de uma concepção de filosofia que certamente implica transformações teóricas que, por sua vez, pode ter permitido que o próprio Marx a ser livre de sanção de certas posições em detrimento de outras formulações teóricas a partir do zero. Sobretudo durante o desenvolvimento destes temas será evidente que a especificidade do marxismo poderia coincidir com a de sua teoria, feita por Marx e, crucialmente dependente *mutatis mutandis* da sua filosofia: O *punctum saliens* é que pode o marxismo ou não ser a única filosofia que é capaz de tratar a si mesmo como objeto, ou seja, para impor a sua mesma teoria. A filosofia marxista é, portanto, a peculiaridade de ser encontrado, em uma tentativa de fazer ao mesmo tempo, uma leitura epistemológica e histórica de produção de textos de Marx, isto é, ainda, em uma tentativa de desenvolver a mesma teoria, a teoria marxista. É a teoria que permite que - neste momento - faça a distinção entre ciência e ideologia e pensar o mesmo em termos de uma leitura historicamente precisa.

Althusser teria ganhado cerca dos anos 70 ao anti-historicismo uma certa propensão ao longo de suas pesquisas científicas sobre análises de Marx, especialmente no lado da restauração de uma possível utilização necessária de “generalização”. O problema é mais ou menos para determinar se o marxismo deve ser considerado como “teoria geral”, enquanto nível de teorização mais abstrata de Marx pode - de acordo com o filósofo francês - dizer respeito a um nível mais concreto de generalidade das categorias produzidas. Essencialmente, Althusser direciona - mas sob outro ângulo - o problema da reprodutibilidade da “totalidade concreta”. Como discutido abaixo, o uso de

filosofia é estratégica, onde continua a haver uma necessidade de reflexão em vez de usar algumas outras categorias.

3.2 A Filosofia e discurso científico do objeto

O papel da filosofia na leitura de *O Capital* de Marx é colocado por Althusser em relação à formulação de perguntas sobre seu próprio exame da busca da especificidade surgiu a partir do estudo da relação com o objeto, em outras palavras, problema de Althusser é identificar a natureza do discurso que foi construído e é destinado a identificar o mesmo objeto. É um problema do discurso científico. *O Capital*, por si só coloca questões que podem afetar a base de um discurso científico e, de fato, o aspecto epistemológico de todo o assunto pode ser considerado uma verdadeira revolução que *O Capital* - como um trabalho - faz seu objeto. Seria o mesmo para representar o início da história da ciência, as implicações filosóficas de sua leitura. Em outras frentes. Althusser inclui o esforço de leitura das obras de saber como você descobriu, por exemplo, Gaston Bachelard, Jean Cavailles até Georges Canguilhem e Michel Foucault. A leitura do *Capital*, no entanto, exige primeiro que o próprio Marx havia trazido para seu trabalho levou a uma meditação sobre algumas condições teóricas de produção própria; o que podemos chamar de produção histórica do *Capital*. A reflexão deste último revela a questão fundamental epistemológica, que surge mais como uma reflexão sobre o objeto e vai se perguntar como o objeto da filosofia marxista. Neste sentido contrário Althusser tenta mostrar como a capacidade de praticar as perguntas sobre o capital vai coincidir com a medida do grau de consciência do autor adquirida no curso do desenvolvimento filosófico de sua obra.

Isso Althusser quer ser uma leitura crítica do motivo o que exige uma ruptura com Marx de sua pré-história, que qualquer “produção” de conhecimento é passível de processo. Neste caso,

devemos traçar uma teoria da história da produção de conhecimento que tende a - finalmente - para impor a sua mesma filosofia ao estudo de novos objetos. Na prática, só o conhecimento do objeto da filosofia marxista no *Capital* inclui o estudo das diferenças contidas no seu desenvolvimento, isto é, ainda, daqueles que objeto de processo de identificação envolve o uso da filosofia marxista.

A descoberta científica de Marx implica, de acordo com Althusser, uma nova revolução toda filosófica que está contida em sua leitura e que os marxistas como Labriola, Plekhanov, Gramsci, Della Volpe, Giulio Pietranera, Mario Rossi, etc. tentaram perseguir. Sem dúvida, isto não significa o abandono da causa (operacional entre filósofos e não-marxistas) de identificação de conteúdo econômico e histórico do objeto em estudo do *Capital*. Pelo contrário, a descoberta da relação entre a leitura científica e filosófica que iria levar a melhor esclarecer o entendimento de certos aspectos. Isso também pode solicitar uma re-leitura entre o moderno e o contemporâneo de alguns das teses originais de Althusser, que levantou a mesma crítica na década de 70 mostrando a relação entre o problema e o aparato conceitual do estruturalismo althusseriano. Este último aspecto será discutido a seguir. Para o momento, deve-se dizer que a análise do objeto do *Capital* continua com uma série de perguntas que Marx conhece o objeto e retorna sobre o método científico da economia política de Adam Smith e David Ricardo. Um dos problemas que antecipam o exame das deficiências da economia clássica é encontrado nas classes abstratas que pode produzir - ou não - o conhecimento “concreto”; e um exemplo é o da crítica fundamental que Marx muda-se para toda a economia clássica de *A Miséria da Filosofia* ao *Capital*, que não deve ser historicizada as categorias do capitalismo, considerando-os como “eterno” e imutável. Em certo sentido, a história, para Marx, é historicizada, reduzida há

seu tempo e sua natureza relativista; o método histórico não pode ser definido fora da teoria de que ela é fundada.

Mas da mesma forma o marxismo é fundada sobre a base de ruptura epistemológica que o distingue e não fora. Além disso, pode reconhecer-se como anti-historicismo da mesma forma que a declaração de quebra poderia revelar uma inédita interpretação anti-humanista da versão de Marx da meditação. Desta forma, de acordo com Althusser, a detecção simultânea de anti-humanismo e anti-historicismo do marxismo, pode significar a dar passos em frente na produção científica do humanismo em si e suas ambigüidades. A apresentação do marxismo como historicismo, por exemplo, em Gramsci, esconde a utilidade de traçar um 'ponto de vista' semelhante ao proposto no exame do humanismo, para trazer a teoria do marxismo como a história e filosofia como uma expressão do real e concreta, isto é, de fato, como história.

O problema geral é estar fazendo uma distinção entre o materialismo histórico e o materialismo dialético, à luz de uma teoria da história. A versão historicista do marxismo conduz à negação prática da ruptura entre a análise do materialismo histórico como uma ciência da história e filosofia marxista (materialismo dialético).

Em termos de análise epistemológica e/ou pesquisa de seu próprio objeto próprio de Marx e dos marxistas, a revisão constante das diferenças entre o materialismo histórico (a teoria da economia política e história, por assim dizer!) e a teoria da ciência e da história da ciência (o materialismo dialético) torna-se essencial. Acima e além do ideológico e, talvez, forçando a pretensão de reivindicar o mesmo e, no interior do marxismo, a necessidade de iniciar um debate em torno de um 'vazio', apenas Althusser denunciou a equação do stalinismo-lysenkismo como um representante da era "Diamat" estava sob características epistemológicas soviética, no entanto, a filosofia jurídica de Pëtr Ivanovié

Stuëka, Eugenij Bronisiavovié Pasukanis e Andrej Januarevié Vyinskyi bem como de lógica formal e as relativas à mecânica quântica. Em outras palavras, para voltar à nossa discussão, a mesma crítica da economia política propõe um novo objeto de reflexão no qual estão contidas as sementes de um rigoroso estudo epistemológico também capaz de destacar as diferenças específicas que separam o objeto de Marx o de seus antecessores. "Somente aqueles que olham honestamente pode encontrar", escreve Lukács. O resultado final deste processo será o nascimento de uma abordagem nova sobre o objeto da teoria, que tem se tornado objeto de nova natureza revolucionária. O tema da busca de Althusser, então, é sim um da formulação de conceitos que identificam a determinação dos fenômenos no campo da economia política e mudança radical no seu objeto e sua perspectiva. Do ponto de vista teórico, este deve resumir as contribuições da teoria de Marx da história e da economia política, que na nova leitura do problema fornecido pelo *Capital*.

3.3 A ciência e a lógica da historia

A reflexão dellavolpiana sobre o marxismo segue uma certa configuração em que a lógica é apresentado como 'real' como epistemologia é acompanhado por admitir um processo de formalização que implica a singularidade do lógica do ponto de vista da ciência. Em essência, isso significa que o argumento de lógica pode sofrer a comparação é com todos os seus aspectos formais do que com aqueles derivados da dialética, e, portanto, em última análise, a história.

É provável que a ocorrência do objeto em Della Volpe pode adiar o problema da formalização da lógica científica e história. Em contraste com o idealismo de Hegel, Marx teria colocado as bases da lógica para ser entendida (em seus empreendimentos) como uma ciência histórica, na esteira da afirmação de um modelo epistemológico já experimentado em Aristóteles e, para

a uniformidade de opinião, pelo próprio Marx. A este respeito Della Volpe vai notar a função significativa da crítica contra o aristotelismo de afirmação dedutiva científica e escolar. Galileu teria tomado as distâncias do indutivismo de Bacon e, portanto, seu modelo seria imposto para além da eventual redefinição do que Aristóteles. Neste sentido, Della Volpe narra a gênese da dissolução da lógica escolástica em favor da suposição metodológica de Marx de um ponto de vista útil para estabelecer uma epistemologia materialista. É a história da ciência que contém as várias fases de desenvolvimento do conceito de matéria e qualquer racionalização subsequente e que também inclui a delimitação de suas esferas teóricas da ciência que a mesma lógica. A história parece segurar vários momentos de sua reivindicação de estatuto científico. Basta percorrer o processo e mostrar Marx como a fundação de uma abordagem materialista (que aparece em Rousseau e Marx) e construir ao longo de ambos os momentos críticos na filosofia especulativa (como na *Crítica a filosofia de direito público de Hegel* e *Miséria da Filosofia*), que no 'Einleitung' metodológico em '57 à *Crítica da Economia Política*.

O método da economia política assume uma importância estratégica para a determinação de uma relação estreita entre a história e a lógica, como foi sublinhado por Marx. O caráter específico da "produção material" principalmente justifica a utilização da definição metodológica e correção de possíveis diferenças na abordagem da economia política e, em última instância, os processos de produção do 'real': até o processo de apropriação do "concreto". Como é bem conhecido entre os estudiosos do marxismo italiano investigar geneticamente a dialética do concreto, torna-se Della Volpe para mostrar que o clube real- abstrato-concreto pode segurar o método da economia política.

E não só. Della Volpe no 'real' assume a aparência muito de uma dialética do concreto. Tra-

çar a gênese do processo pode conduzir a uma reivindicação epistemológica que uma pesquisa deste tipo tende a admitir até para justificar a sua natureza específica, ou melhor, sua determinação, isto é, novamente, sua historicidade. O tema da historicidade da ciência emerge no Della Volpe e assim como gerado pelo pensamento de Marx e sua descoberta de ordem metodológica. Na base se juntou ao exame da dialética do reconhecimento concreto do marxismo como uma ciência, isto é, a epistemologia, é um dos principais resultados dellavolpiana, e como tal tem sido discutido pelos críticos no início dos anos 60 e processado na forma da história do que um mero debate filosófico sobre a próxima década, até então desaparecer completamente durante os anos seguintes.

Na verdade, a "metodologia" dellavolpiana e que de sua "escola" veio não só na presença de amadurecimento historicista e cultural-idealista antisociológico-empírica de matriz crociana e Gentile, mas em um contexto de lenta absorção das questões epistemológicas de relevância dentro do mais amplo debate sobre a formação de cientistas e políticos intelectuais entre os marxistas italianos. O atraso neste campo tem sido capaz de obter um atraso pesado na formulação de qualquer hipótese de trabalho após a transposição da relevância dessas questões e se expandiu para outros campos de interesse. Para essa direção, continua - no entanto - ser relevantes para o desenrolar da pesquisa sobre questões metodológicas e tudo o que foi possível durante os anos, quando a "escola" de Della Volpe teve que dispor de críticas dirigidas ao maestro. Na verdade, deve-se dizer que outros autores - como Lucio Colletti - apesar de terem formado seus próprios textos filosóficos sobre Della Volpe ou de Giovanni Gentile, reuniram-se para abraçar a "questões metafísicas" e siga Martin Heidegger, Sartre e Ludwig Wittgenstein.

Em todos os casos, no volume de *Crítica de Ideologia Contemporânea* Della Volpe faz o seu

caminho em torno da investigação e, portanto, a dialética lógico-histórico de Marx; um tipo de verificação da 'teoria', isto é, ainda, a lógica do *Capital* obtido pela "história" das notas "Teorias da Mais-Valia". Como ele diz, são as teorias que possam identificar as categorias de dialética antecedentes históricos e econômicos (como, por exemplo, a produtividade no trabalho) que são cruciais na sociedade capitalista. Della Volpe segue alguns dos detalhes sobre o método e o uso de conceitos historicamente precisa como, por exemplo, o de "relações sociais de produção", tudo, em oposição ao uso de 'indeterminados' conceitos pelas formulações propostas de economia clássica ("divisão do trabalho", por exemplo, "povo", "valor de troca", etc.). O raciocínio é mencionado por Marx em 1857 na *Introdução à Crítica da Economia Política* e tomadas por Della Volpe em seu *Ensaio da dialética* no apêndice ao texto *Liberdade comunista*.

O problema parece preocupações metodológicas a possibilidade de chegar o jogo a partir de definições abstratas do concreto. Na prática, no curso do pensamento, são obrigados a proceder de acordo com o vicioso de concreto abstrato-concreto e começam sempre a partir das consequências dos processos históricos que afetam o presente ou "concretas", estudando as causas e antecedentes históricos mesmos que eram antes lógica. Isso pode se traduzir coradas para Della Volpe no exame destes pré-históricos por meio de sua lógica e histórica, o caminho que indicariam a introdução de '57 e que Althusser teria desafiado "*Lire le Capital*", enfatizando muito interpretação dellavolpiana de Marx.

São as abstrações chamadas de "determinados" para ser o tema de pesquisa realizada sobre o método dialético do Della Volpe, que ele identifica com o método, que histórica e lógica é dependente, em parte, pela descoberta das relações com "antes" considerados essenciais para a realização de todo o processo histórico-lógica. Neste sentido, Della Volpe será notada

já na *Lógica como uma ciência positiva* o aspecto epistemológico da mais desvalorização, bem como o trabalho de autores como Althusser.

Globalmente, Della Volpe mostra como a transformação ocorre com os princípios da dialética operaria em favor de afirmar a historicidade de um permitido acordo com a mesma razão dialética, leva à admissão da validade desse conhecimento como uma ferramenta. A relação maior mostra o desenvolvimento de uma análise adequada dos fatos históricos e sociais, considerados em sua materialidade e concretude, uma análise dialética das contradições, capaz de se conectar a uma sociologia histórica materialismo histórico e ferramentas críticas que se origina de sua lógica e que está emergindo como uma ciência humana.

IV - Notas sobre marxismo, Sociologia e estruturalismo

4.1 A versão estruturalista da dialética

O pensamento marxista assumiu e discutiu no final da década de 70 teses de estudo de uma série de correspondências estruturais entre as teorias contemporâneas de diferentes disciplinas, em particular, a relação entre conhecimento científico e conhecimento cotidiano, aqueles entre ideologia e ciência, e, finalmente, por *último, mas não* menos importante aquela entre ciência e filosofia. À luz de algumas atualizações sobre estes temas, vamos examinar o papel da sociologia no debate sobre a origem de um novo humanismo na "modernidade". Na verdade, as posições sobre o humanismo próprio Althusser e - conseqüentemente - do historicismo e as suas relações prolongadas com o estruturalismo têm sido capazes de desencadear um processo crítico durante o desenvolvimento do próprio estruturalismo. No pequeno livro, o *Marxismo e Estruturalismo* por Maurice Godelier e Lucien Sève foram abordados várias questões encontradas para ser muito útil para estimular um de-

bate sobre os fundamentos das ciências sociais. Desde então, tem havido muitos sociólogos que, seguindo o exemplo do Walter Benjamin marxista que, ao invés de ficar ‘presos’, optaram por tirar sua própria vida com veneno. Na verdade, a sociologia tem seguido seu caminho muito fragmentado, mas menos do que aqueles expostos aos riscos tomados por alguns teóricos marxistas, mas o mesmo não estava mais próximo de algumas descobertas do estruturalismo.

E só na aparência, Godelier afirma que o estudo da arquitetura do *Capital* seria de destacar a prioridade das estruturas e estudo em que a sua origem e seu desenvolvimento. Para Godelier, o estudo da gênese de uma estrutura só pode ser cumprido se você tem um conhecimento ativo do mesmo. Lucien Sève faz depender do mesmo Godelier a definição de marxismo entendido como o anti-humanismo teórico, de que Louis Althusser é o principal representante na França, em contraste com a interpretação humanística e muita filosofia de Roger Garaudy. Em todos os casos, a análise de Marx, segundo Godelier, rejeita qualquer justificação ‘humanista’ e particularmente em relação ao socialismo. Garaudy, ele argumentou, no entanto, que o estruturalismo pode ser entendido como um novo humanismo. No entanto, lembre-se que algumas das pesquisas de Maurice Godelier, realizado no terreno do materialismo histórico, estão ligadas ao método estruturalista e o método dialético, a fim de produzir uma versão estruturalista da dialética. Na filosofia, na verdade, o estruturalismo convida-o a compreender cada campo de investigação, inserindo elementos cruciais nas estruturas em que os elementos de exatidão de seu ato como todos os significativos: assim, o significado de termos dentro de um esquema geral é exclusivamente definido e a teoria da interpretação pode ocorrer na mais transparente. Críticas a essa abordagem levam em conta as reservas conhecidas feitas por filósofos marxistas modernos e contemporâneos ou seguidores

da tradição dos estudos sociológicos sobre a “modernidade” que tem sido capaz de produzir nas últimas décadas, tanto na Europa como nos Estados Unidos, uma variedade de contribuições. Mesmo Michel Foucault, que não pode ser considerado um verdadeiro especialista nas ciências humanas, sua pesquisa entrou em estruturalismo e tentou descrever as diferentes formas históricas de práticas discursivas. Especialmente na segunda metade dos anos 60 mudou seus interesses a partir das práticas sociais para práticas lingüísticas, foi o resultado da migração dessas obras como, por exemplo, *A Ordem das Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969). Nestes dois livros que atribui um papel ao discurso metodologicamente privilegiado e sistema abstrato de regras a que pertence. Na verdade, muito progresso tem sido feito desde que Foucault argumentou que o estruturalismo se torna filosofia da cultura e se torna uma espécie de teoria da estrutura profunda ou “episteme”, que informa e define todas as culturas ao longo da história, resultando em suas diversas instalações científicas. E muito ainda será a percorrer.

4.2 A Sociologia no humanismo da “modernidade”

Cada vez menos e fechar com o marxismo, o desenvolvimento sintético de reconhecimento histórico e teórico da sociologia científica mostra a correspondência de algumas exigências da chamada “modernidade” com momentos críticos de reflexão sistemática também realizou a possível extensão de conceitos ou teorias que realçam os valores humanos, e não é por acaso que muitos da sociologia histórica ou história sociológica acharam que tinham “marxistas” desse tipo. Na verdade, eles se comportam como filósofos ou aqueles que ainda defendem o humanismo socialista na história humana e quão bem eles falaram da *Studis humanitatis* de 1400. Em um nível metodológico, no entanto, o mesmo tipo de caminho que parece revelar o uso da pro-

cessualidade entendida como principais centros está ocorrendo no qual a 'história da sociologia' que, no mundo de hoje pode finalmente ser entendido como "a história da ciência" (e também como uma "teoria da ciência"). Em outras palavras, mostra traços *genéticos* do desenvolvimento da teoria, precisamente; e, novamente, permitem fazer panorâmicas mais ou menos apreciáveis do uso recorrente de determinadas categorias de análise científica, e formular hipóteses testáveis na comparação racional das fontes de produção. Por exemplo, um breve exame da relação entre a cansativa constituição na Itália da teoria laica secular e da emancipação da teoria sociológica europeia das hipotecas de caráter utilitário, estritamente falando, fornece um quadro hipotético de desenvolvimento peculiar para a ocorrência de "necessidades" completamente nova para a mesma teoria. Primeiro, lembrar de um papel estratégico na análise de Marx do capitalismo ocidental (século XIX), muito além do limiar do século XX, independentemente dos resultados alcançados pelo historicismo alemão (Max Weber). Segundo, ele explica e critica o evoluir-se e a dissolução da teoria positivista até a reinterpretação da teoria da ação voluntária conduzida pelo estrutural-funcionalismo americano (Talcott Parsons). Em terceiro lugar permite a anunciar a sociologia secular da ciência como uma parte essencial da "modernidade", que é anexada à revisão do positivismo moral (E. Durkheim), mas também a obrigação do humanismo socialista de descobrir a práxis.

A intenção é refletir criticamente sobre os pontos para descrever uma nota final, uma hipótese ou proposta de trabalho sistemático. Inicialmente, parece permitido ler uma breve perspectiva da "história da ciência" a consolidação progressiva de uma teoria sociológica da ação de contextos (por exemplo, os franceses - o século XVII.). Quando a admissão da naturalidade de constrangimentos sociais torna-se uma teoria da emancipação, atuada na separação do

Estado da sociedade civil; isto é, na liberdade da ação burguesa por parte da supervisão pelo Estado, bem como p recurso extramundano para usar uma imagem global do cosmos que o coloca em uma decisão teológica final as maneiras possíveis da lógica do mundo. A ideia de autonomia como uma compreensão social dos padrões de referência de ação afirmativa como uma pró-ativa do conhecimento da ciência sociológica de emancipação. O velho barão Montesquieu e Jean Jacques Rousseau (precursor do socialismo) de s envolveu uma política de ciência na forma da ciência natural para entregar à ação a sua autonomia: os que se referem a diversas conexões típicas em que acontece a ação humana, alguém procurando um suporte para a teoria social que tem de vir de um "estado de natureza" não existe. A crítica que se segue (Adam Smith, etc.) põe em contato com a realidade mais moderna.

No limiar do desenvolvimento da economia europeia capitalista e diferentes processos do mercado regulamentado, o conceito de uma ciência naturalista da sociedade e fetichista é usado para fins produtivos. Tentativa de elevar o status epistemológico das categorias de ação não se destina do organicismo positivista da pesquisa na prática cotidiana, em oposição a uma crítica da razão totalizante (de que as práticas podem lançar um sistema de sociologia). A busca de modelos naturalistas, a unidade experimental, dissolve a tentativa de libertar-se da sociedade industrial no início da emancipação apoiado pela sociologia como uma ciência. É Karl Marx a apoiar uma ação recaracterizante. Ele critica a "oficial sociologia" e tenta encontrar um lugar na prática cotidiana, em que o conteúdo intelectual de filosofia deve derramar em várias formas de vida da sociedade emancipada. Marx não depende de uma compreensão cuidadosa do "social" (Auguste Comte) a tarefa de explicar a diferenciação das ciências e das imagens do mundo das bases naturais. As leis da natureza

são imutáveis para Comte. Mas, para Marx, é a sociedade que precisa ser mudada (sociedade sem classes). Daí a consideração do conceito de “totalidade” e seu universo plástico o uso continuado da dialética: tanto do “ponto de vista” da afirmação de uma “teoria crítica” que da rejeição das formas de doutrinação praticável em nome de uma previsão certa do curso da história (o exemplo mais conhecido é o de Karl Popper *Miséria do Historicismo* e em *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*).

Por outro lado, as formulações originais positivista atraem a recuperação da razão (ver as correntes do espiritualismo europeu em geral). Esta experiência é mais crítica: a sociologia tem caído na luta de idéias. A hipótese é que o dualismo do materialismo histórico e idealismo condenam a teoria social crítica não é emancipado do mecanismo da natureza

Na Itália, vista a permanente utilitária da religião e a convivência entre Igreja e Estado impedem a liberação de uma esfera pública burguesa pela ação social e “empossamento”, portanto, a tarefa de uma teoria de emancipação social. Uma teoria social da ação expurgada da nova teologia só é possível através do positivismo e evolucionismo. O cenário reproduz - tarde - o que aconteceu em outros países europeus. Sobre Marx, que, para Hegel, destronou a reivindicação de restabelecimento de uma ciência naturalista social agora reduzida e criticada pela ciência, em nome daquela (Historicismo alemão, o pragmatismo, filosofia, valores, espiritualismo, etc.). Labriola e Croce estão no comando da revisão: que praticam em termos de filosofia, que em termos histórico social.

As declarações de apoio à possibilidade de emancipação da sociologia na direção de um impulso que deve vir da sociedade civil faliram. Labriola chama para ver coagulado em uma filosofia da história humana, na esperança de resolução crítica da sociedade emancipada é coletado do historicismo de Croce, em termos

de outra dissolução da filosofia burguesa. A teoria da ação que filtra através da consciência, intuição e da representação é rejeitada a priori. A biologia social volta a ser criticado como realidade inalterada. A nova ciência, a qual ele apela, é negada como uma ciência pseudoconcentual que desengata a partir do conceito e do universal e assim retorna (como em Saint-Simon, Comte e Herbert Spencer) a vantagem simples da vida prática. A sociologia é o mecanismo e o utilitarismo da natureza condensada em teorias abrangentes; o que veio ao marxismo, Antonio Gramsci chamou de “vulgar”.

Um mecanismo eficaz de emancipação pela hipoteca da natureza é o preço a pagar para encontrar na diferenciação dos *sistemas de ação*, a verdadeira face da ciência moderna torna-se agora, mesmo nas suas orientações fenomenológica, hermenêutica e pragmática, uma tentativa descartar as filosofias da única tarefa de explicar uma base a priori fundamental da prática diária ideal.

Nas encostas da teoria dos sistemas, que atua de forma diferente sobre a “história da ciência”, o apelo de Parsons de livrar de um Spencer morto e enterrado, e para plantar em um excesso de torque a dicotomia idealismo-positivismo é a resposta mais óbvia para a necessidade de encontrar uma teoria de ação social emancipada do utilitarismo positivista-evolucionista; embora insuficiente para estabelecer um paradigma sociológico na “modernidade”. Este deve ser provavelmente a tomar forma mesmo na negação da historicidade sistêmicas e em admitir praxeológica de “construído” da vida cotidiana. Neste sentido, apenas a processualidade garante a demonstração bem sucedida da teoria científica e justifica a sociologia como a ciência da ação em certos sistemas históricos determinados.

E talvez o caso para sociólogos a afirmar que lhe rendeu um tempo para a filosofia marxista: Ou seja, desenvolver a crítica de um estado de coisas existentes além da historicidade dos su-

postos autores intelectuais. Ou, em vez disso, para Marx o que é certo em todos os homens: *Jeder stirbt für sich allein* (como escrito pelo poeta Rudolf Ditzgen, *Todo mundo morre sozinho*).

Nota bibliográfica

A nota a seguir refere-se em uma fonte deliberada e materiais essenciais para lidar com autores já mencionados no texto e que são produzidos em um determinado período de desenvolvimento e florescimento de interesse tanto para estudar o marxismo que para sociológica. Na verdade, na Itália, na segunda metade de 1980, o horizonte do debate em torno dessas questões é muito reduzido. Por esta razão, ao invés da busca de uma definição dos vários campos de interesse, é preferível seguir um certo repertório 'clássico' obras de crítica, que será certamente uma parte de uma tradição de longa data, mas pode ser muito útil para aqueles que desejam tomar agora uma curta viagem entre a ciência e a memória, investigando em textos especiais até anos 70. Como por Karl Marx não são traduções, muitos dos escritos puramente histórico e econômico-político e ideológico, antologias e escritos coletâneas, escritos sobre arte e biografias.

As edições básicas das obras de Marx e Engels em alemão são conhecidas por estudiosos como Mega e Werke. O primeiro, K. Marx, F. Engels, *Historisch-Kritische Gesamtausgabe. Werke, Schriften, Briefe, vol. 1969-1970*. 12 vol., Berlin, Moscou, 1927-1935 (reimpressão: Frankfurt, Realizados sobre os manuscritos depositados no Instituto Marx-Engels, em Moscou, manteve-se incompleta. Portanto, a melhor edição é a segunda: K. Marx E Engels, Werke, 44 vol., Berlin, 1956. A edição italiana da Obras Completas de Marx e Engels é publicada no Riuniti Editores de Roma de 1972.

Em particular, Engels, e de alguns aspectos da história e da teoria da social-democracia alemã pode ser um texto muito interessan-

te de F. Mehring, *Aus dem literarischen von K Marx, Friedrich Engels um F.Lassalle*, Stuttgart, 1902; R. Mondolfo *Il materialismo Storico Friedrich Engels*, Florença, 1952; V. I. *Lênin, Marx, Engels, o marxismo*, trad. it, Roma, 1952. G. Lukács, *A Destruição da Razão*, trad. it. de 1959. G. Lukács, *Il Giovane Hegel e i problemi della società capitalistica*, trad. it., Turim, 1960; AA. VV, *L'oeuvre de jeunesse de Marx et Engels dans l'études publiées de 1945 à 1963-1964* in *Annali dell'Istituto G. G. Feltrinelli*, VII, Milão, 1964-1965; L. Basso, *Appunti sullo sviluppo della teoria rivoluzionaria in Marx e Engels* in 'Neocapitalismo e sinistra europea', Bari, 1969; H. Bartel, *Marx und Engels im Kampf um em revolutionäre deutschen Parteiorgan, 1870-1890*, Berlin, 1961; A. Cornu, *Karl Marx et Friedrich Engels*, Paris, 1955; H. Gemkow, *Friedrich Engels 1-lilfe beim Sieg der deutschen Sozialdemokratie über das Sozialistengesetz*, Berlin, 1957. Di E Engels si veda il volume *Ludwig Feuerbach un der Ausgang der Kiassischen deutschen Philosophie*, Lipsia, 1947.

Sobre o socialismo em 1973 publicado na França, Droz, *Histoire générale du socialisme*. Para J. J. Rousseau si v. *Oeuvres complètes* da 'Bibliothèque de la Pléiade', Gallimard, Paris, 1964; em italiano v. *Sull'origine della ineguaglianza* Roma, 1983 e *Il Contratto sociale*, Turim, 1966. Ainda, v. *Ouvres complètes de Charles Marie François Fourier*, Paris, 1840-1848, 6 vou; H Borgin, *Fourier. Contribution à l'étude di socialisme français*, Paris, 1905; G. Cuivitch, *Les-fhndateursfrançais de la sociologie contemporaine: Saint Simon et Proudhon*, Paris, 1955; R. Garaudy, *Les sources françaises du socialisme scientifique*, Paris, 1948; R. Mondolfo, *Umanesimo di Marx*, Turim, 1968; W Sombart, *Il socialismo tedesco*, Florença, 1941; G. M. Bravo, *Il socialismo prima di Marx*, Roma, 1970. Sobre P. J. Proudhon, *Che cosè la proprietà*, a c. di U. Cerroni, Bari, 1957, C. Bouglé, *La sociologie de Proudhon*, 1911; G. Gurvitch, *Proudhon et*

Marx: une confrontation, Paris, 1964; P Ansart, *La sociologie de Proudhon*, Paris, 1967. De M. Bakunin v. *Dittatura e anarchia*, Pisa, 1919.

No que se refere ao revolucionário do marxismo-leninismo em textos, tais como L. Trotsky, *Storia della rivoluzione russa*, Milão, 1976; R. Garaudy, *Lenin e il leninismo*, Roma, 1970; AAVV, *Leninismo e rivoluzione socialista*, Bari, 1970. Su K. Kautsky v. V. 1. Lenin, *La rivoluzione proletaria e il rinnegato Kautsky*, Roma, 1969. De Lenin, *Opere Scelte*, Mosca, 1978; ainda v. Rosa Luxemburg, *Scritti politici*, Roma, 1970; G. Plekhanov *Opere scelte*, Mosca, 1985. Sobre o pensamento de Lenin ver H. Lefévre, *Le pensée de Lénine*, Paris, 1957; L. Althusser, *Lenin e la filosofia* Milão, 1969; AA.VV, *Attualità del materialismo dialettico*, Roma, 1974. De J. V. Stalin v. *Les questions da léninisme*, Moscou, 1951; v. também *Opere complete*, Roma, 1949. Sobre o stalinismo v. L. Althusser, *Umanesimo e stalinismo*, Bari, 1973; R. Medvedev, *Lo stalinismo, origini, storia, conseguenze*, Milão, 1972. Para o periodo successivo v. N. 5. Kruscev, *Kruscev ricorda*, Milão, 1970.

Sobre Mao Tse-tung, recorda-se a primeira edição chinesa das *Opere scelte* publicada da Casa Editora do Povo de Pequim em julho de 1952. Cita-se *Opere scelte*, Roma, 1956, 5 vol., que porem não compreendem a produção de Mao sucessiva a 1949, a qual se encontr em diversas *Antologie*. Ainda E. Snow, *Stella rossa sulla Cina*, Turim, 1967; Ciu Teh, *La lunga marcia*, Roma, 1971; Han Suyin, *Mao Tse-tung. Una vita per la rivoluzione*, Milão, 1972. Sobre maosismo v. do mesmo Han Suyin, *La Cina nell'anno 2001*, Milão, 1969 e H. Shurmann, *Ideologia, organizzazione e società in Cina*, Milão, 1972.

Ideologia marxista em alguns países Africano ver M. Rodinson, *Marxisme et monde musulman*, Paris, 1972; R. Gallissot e G. Badia, *Marxisme et Algérie, écrits de Marx et Engels*, Paris, 1976.

Para mais informações e as relações com algumas 'atuais' idéias mais ou menos "ortodoxa"

que você vê K. Korsch, *Marxismo e Filosofia*, Milão, 1970; e precedente *Karl Marx* (1969); ainda v. di E. Bloch, *Marxismo e utopia*, Roma, 1984; de G. Lukács, *Storia e coscienza di classe*, Milão, 1991; de J. E Sartre, *Critica della ragione dialettica*, Milão, 1963 e *Esistenzialismo e marxismo*, 1991. Algumas referências à sociologia marxista compreendem textos de V. Lenin (in *Opere scelte*, Roma, 1972); M. Adier, *Der soziologische Sinn der Lehre von Karl Marx*, Lipsia, 1914; AA.VV, *La sociologie en URSS — VI Congrès International de Sociologie*, Moscow, 1966; N. 1. Bucharin, *La teoria del materialismo storico- Manuale di sociologia marxista*, Florença, 1977. Para a 'teoria critica' v. M. Horkheimer- T. Adorno, *Lezioni di sociologia*, Turim, 1966; sobre Horkheimer v. J. Habermas, *Prassi politica e teoria critica della società*, Bolonha, 1973. Para outras referências v. E Ferrarotti, *Una sociologia alternativa*, Bari, 1972 e B. Spirito, *L'individuo sociale*, Napolis, 1974 (e recente rist.). Di A. Heller, *Per una teoria marxista del valore*, Roma, 1980 e *Sociologia della vita quotidiana*, Roma, 1981. Para A. Gramsci v. *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura*, Turim, 1950; ainda, v. R. Mondolfo, *Da Ardza a Gramsci*, Milão, 1962 e P. Togliatti, *Gramsci*, Roma, 1967; AA.VV, *Studi gramsciani* in 'Atti del Convegno di Roma' 11-13 Janeiro 1958, Roma, 1969; AA.VV, *Convegno Internazionale di studi gramsciani*, Cagliari, 1967 a c. de E Rossi, Roma, 1969; AA.VV, *Gramsci e il marxismo contemporaneo*, Roma, 1990. As obras críticas sobre marxismo podem conter referências a relação com o dito 'materialismo dialettico', com o 'materialismo storico' etc. Se v. B. Croce, *Materialismo storico ed economia marxistica*, Bari, 1961; V. Stern, *Grundzüge des dialektischen und historischen Materialismus*, Berlim, 1947; A. Gramsci, *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*, Turim, 1952; G. Wetter, *Il materialismo dialettico sovietico*, Turim, 1948; H. Lefebvre, *Il materialismo dialettico*, Turim, 1949; M. Dobb, *Problemi di storia dei capi-*

talismo, Roma, 1958; de N. Badaloni, *Marxismo come storicismo*, Milão, 1962 e *Il marxismo di Gramsci*, Turim, 1975; M. Rossi, *Marx e la dialettica Hegeliana*, Roma, 1960, 2 voll.; Accademia delle Scienze dell'URSS, *Fondamenti di filosofia marxista*, Milão, 1965, 2 voll.; E. Mandel, *Trattato di economia marxista*, Roma, 1965, 2 voll.; P. 1. Sruéka, *La Funzione rivoluzionaria del diritto e dello Stato*, Turim, 1967; di H. Marcuse, *Soviet Marxism*, Parma, 1968; *Cultura e Società. Saggi di teoria critica 1933-1965*, Turim, 1969 e *Controrivoluzione e rivolta*, Milão, 1973; E. A. Baran-P.M. Sweezy, *Il capitale monopolistico*, Turim, 1968; L. Colletti, *Il marxismo e Hegel* Bari, 1976, 2 voll.; AA.VV. *Marx vivo. La presenza di Karl Marx nel pensiero contemporaneo*, Milão, 1970, 2 voll.; 5. Timpanaro, *Sul materialismo*, Pisa, 1970; L. Geymonat, *Storia dei pensiero filosofico e scientifico*, IV, V, e VI vol., Milão, 1971-1972; L. Geymonat et al., *Attualità dei materialismo dialettico*, Roma, 1974; C. Luporini, *Dialettica e materialismo*, Roma, 1974; AA.VV. *La filosofia della Rivoluzione Culturale. Antologia di testi cinesi*, Milão, 1974; 5. Amin, *L'accumulazione su scala mondiale — Critica della teoria del sottosviluppo*, Milão, 1971; U. Melotti, *Marx e il terzo mondo*, Milão, 1972; U. Cerroni, *Crisi del marxismo?*, Roma, 1978 e *Logica e società*, Milão, 1982; H. Lefebvre, *Abbandonare Marx?*, Roma, 1983; P. M. Sweezy, *Il marxismo e il futuro*, Turim, 1983;

E. Agazzi, *Crisi e ricostruzione del marxismo: il materialismo storico come metateoria*, Milão, 1984; G. Rinzivillo e outros, *Le cause e la storia. Sul marxismo e le teorie della conoscenza scientifica*, Roma, 2008; a monografia *Karl Marx, dialettica e memoria*, Roma, Armando, 2013.

Sempre util referências sobre posições de intelectuais sobre marxismo nos volumes de 1. Fetscher, *Il marxismo*, Milão, 1970, 3 voll.; E. Vranicki, *Storia del marxismo*, Roma, 1979, 3 voll.; di E. Kolakowski, *Marxismo, utopia e antiutopia*, Milão, 1981 e *Nascita sviluppo dissoluzione del marxismo*, Milão, 1980-1984, 3 voll.; in AA.VV. *Storia del marxismo*, Turim, 1978-1982, 4 voll. Repertorios bibliograficos são obviamente contidas em muitas das obras indicadase; de um certo interesse è o recente J. M. Cammett, *Bibliografia gramsciana 1922-1988*, Roma, 1991 e *Supplemento* de 1993, Roma, 1995.

Sobre outros temas v. K. Mannheim, *L'analisi strutturale dell'epistemologia*, Milão, 1967; J. Habermas, *Conoscenza e interesse*, Bari, 1973; AA.VV. *Sul marxismo e le scienze*, 'Critica Marxista', Quaderni-n.6, 1972 e ann. succ.; AA.VV. *Scienza e storia*, Napolis, 1978; G. Della Volpe, *Opere*, Roma, 1972 -1973, vol.; di L. Althusser, *Filosofia e filosofia spontanea degli scienziati*, Bari, 1976; *Elementi di autocritica*, Milão, 1975 e *La crisi del marxismo*, Roma, 1992; V. Gerratana, *Gramsci. Problemi di metodo*, Roma, 1997.

La “Grande Muraglia” cinese dell’era digitale

Giuseppe Difrancesco^{1*}

ABSTRACT

Trent’anni dopo il crollo del muro di Berlino il mondo continua ad essere diviso per mezzo di muri e frontiere. Muri e frontiere nel XXI secolo possono tuttavia essere invisibili ma non per questo meno efficaci. La “grande muraglia” digitale (Great Firewall) creata dal governo di Pechino per monitorare le attività online dei cittadini cinesi è uno degli strumenti fondamentali per il partito di Xi Jin Ping e la classe dirigente del gigante asiatico.

KEYWORDS: cyberspazio, censura, internet, Cina,

Introduzione

La rivoluzione digitale iniziata negli anni 80 del secolo appena trascorso non ha trovato il governo cinese impreparato alle nuove sfide che le IT (Information Technologies) pongono ai governanti mondiali.

Il governo di Pechino nel pieno della trasformazione economica ideata da Deng Xiaoping, che introduceva elementi di libero mercato nel sistema socialista cinese per stimolare la crescita e lo sviluppo tecnologico attraverso investimenti esteri provenienti da multinazionali a cui in determinate zone del territorio cinese era concesso di installare fabbriche e di ricercare manodopera con metodologie liberoscambiste, ha intuito l’enorme potenzialità degli strumenti digitali e per

questo ha orientato i propri obiettivi alla ricerca della parità nello sviluppo delle IT nei confronti degli Stati Uniti d’America.

I dirigenti cinesi, influenzati anche dalla teoria sulla cosiddetta “terza onda” di globalizzazione elaborata dall’economista Alvin Toffler, che individua proprio nei computer, nelle reti globali e nelle tecnologie digitali la spinta propulsiva per un ulteriore progresso del fenomeno della globalizzazione, hanno scommesso sulla capacità cinese di apprendere rapidamente e di raggiungere un livello di conoscenza tale da poter concorrere a livello di mercato con le imprese occidentali. Permettendo a imprese leader del settore informatico come Microsoft ed Apple di stabilire centri produttivi nel paese la Cina è riuscita ad

^{1*} Esperto di relazioni internazionali e cyberspazio.

imparare (per non dire copiare) i segreti dell'industria digitale, riuscendo in tal modo ad avviare un'industria digitale propria in grado di sostenere le ambizioni del governo di Pechino in maniera indipendente dalla tecnologia straniera.

Lo sviluppo digitale tuttavia può portare con sé una serie di problemi di non poco conto per la dirigenza cinese.

Internet rappresenta sicuramente una grande opportunità per qualunque nazione che voglia partecipare all'economia digitale, tuttavia il cyberspazio con le sue pagine web, i suoi server, i suoi software possono essere contenitori di materiale estremamente pericoloso per chi come il governo cinese controlla severamente le informazioni che arrivano ai cittadini.

L'ossessione del governo di Pechino per la stabilità è cosa risaputa. Un paese con più di un miliardo di persone, con un sistema monopartitico, al cui interno sono presenti alcune minoranze etnico-religiose non può certamente lasciare liberamente circolare materiale e idee contrarie al sistema.

Internet è presente in Cina sin dal 1994 sotto la presidenza di Jiang Zemin e come previsto dall'allora classe dirigente il numero di utenti cinesi era destinato a crescere enormemente in breve tempo. Di fatti se nel 1994 in cui gli utenti stimati erano circa 1500, nel 1999 gli utenti passarono ad essere più o meno 4 milioni per arrivare alle più recenti stime che riferiscono che gli utenti cinesi connessi ad Internet sono arrivati ad essere circa 800 milioni rappresentando il 58% della popolazione cinese e il più grande numero di utenti calcolati su base nazionale dell'intero cyberspazio.

La sicurezza e la stabilità del sistema cinese passa anche dunque sul controllo delle informazioni che transitano in rete.

1. Il cyberspazio e la società contemporanea

Il tempo, lo spazio, la permeazione, la fluidità, la partecipazione, l'attribuzione e la responsabilità,

assumono valori e caratteristiche differenti nel cyberspazio rispetto allo spazio politico tradizionale.

Il cyberspazio rimpiazza la temporalità convenzionale con la quasi istantaneità (tempo), trascende i vincoli geografici e di posizione fisica (spazio), penetra confini e giurisdizioni (permeazione), manifesta rapidi cambiamenti e riconfigurazioni (fluidità), riduce le barriere di partecipazione all'attivismo e all'espressione politica (partecipazione), oscura l'identità degli attori e scavalca quindi i meccanismi di attribuzione delle responsabilità.

Nelle relazioni internazionali, anche se ultimamente si parla di "crisi dello Stato" proprio per ragioni legate all'indebolimento delle competenze dei singoli stati nelle decisioni globali, tradizionalmente gli attori sono gli stati sovrani, che hanno il diritto legittimo di legiferare in maniera autonoma sul proprio territorio. All'interno del cyberspazio tuttavia gli attori coinvolti sono molti di più, includendo le compagnie private che gestiscono i servizi di trasmissione dati, le società di produzione dei software, gli utenti proprietari di domini che sono tutti attori in questa nuova arena digitale, rispecchiando perfettamente la tendenza del 21° secolo a rendere protagonisti delle relazioni internazionali tanti soggetti non-statali.

Ovviamente, gli Stati possono precludere il libero accesso ai servizi informatici, monopolizzando ad esempio i servizi di comunicazione e filtrandone i contenuti, ciò nonostante l'interazione tra computer essenzialmente dipende dall'interazione tra impulsi elettronici, in primo luogo basati sul codice binario, e poi sui vari linguaggi di programmazione, e quindi programmatori esperti possono riuscire ad aggirare vari tipi di filtri perché i computer non rispondono alle leggi della giurisprudenza ma bensì a quelle della fisica e dell'informatica, rendendo il cyberspazio un "terreno di gioco" ancora dalle potenzialità sconosciute. L'espressione "Code is Law" esprime bene il concetto che in informatica "il codice è la legge", ma per codice si intendono i codici di programmazione, non quelli di diritto.

Il concetto di "lateral pressure" (pressione laterale) ossia la propensione degli stati a espandere le loro attività al di fuori dei confini riconosciuti mette in correlazione la crescita economica interna con le attività internazionali in un rapporto di diretta proporzionalità, quanto più è la crescita economica di uno stato tanto più sarà il suo ruolo e le sue capacità in ambito internazionale, e viceversa, meno crescita economica significa meno possibilità di avere capacità di influenza nelle relazioni internazionali.

Il cyberspazio non sfugge a questa analisi. Gli stati seguendo questo paradigma hanno ognuno la propria tendenza ad aumentare la propria influenza sulle attività nel cyberspazio.

La risorsa più importante per la pressione laterale è sicuramente la conoscenza, infatti in un sistema modificabile come il cyberspazio conoscere e comprendere risulta fondamentale per poter operare, e anche per ottenere vantaggio su possibili "contendenti". A questo punto esistono due maniere di costruire le relazioni internazionali che riguardano il cyberspazio, quella conflittuale e quella cooperativa, ricordando sempre la caratteristica del cyberspazio di essere slegato da logiche di sovranità nazionali, anche per quanto riguarda gli utenti. Le politiche di cooperazione per il cyberspazio comprendono la creazione e la gestione di istituzioni che gestiscano il cyberspazio, la sicurezza informatica, favoriscano la conoscenza del fenomeno e stabiliscano regole di condotta globali, definendo i diritti e i doveri degli stati e degli utenti che ne usufruiscono, cercare quindi di creare l'ambiente favorevole dove far crescere i "cittadini globali". Le politiche conflittuali invece tendono a rafforzare la competizione lungo le vene informatiche, per esempio competizione economica sulla costruzione e la gestione delle infrastrutture su cui si basa la rete, controllo e competizione politica sui dati presenti in Internet, spionaggio informatico, criminalità informatica, militarizzazione del

cyberspazio, creazione di "armi informatiche" e nuclei di "cyberwarriors".

Considerando che all'interno del cyberspazio non solo gli stati sono attori ma anche i privati le possibili variabili del prossimo futuro si muovono lungo due assi, una che ha come estremi la cooperazione internazionale e la conflittualità internazionale e una che come estremi ha il controllo da parte degli stati sovrani e il controllo da parte dei privati, dando vita a quattro possibili modelli: il primo è chiamato il "Garrison State", modello in cui il controllo è nelle mani degli stati sovrani e il paradigma è quello conflittuale, paesi come Arabia Saudita, Myanmar, Corea del Nord e Cina che controllano molto attentamente il traffico online appartengono a tale modello; il secondo è quello in cui il controllo è in mano al settore privato e il paradigma è quello conflittuale, tale modello viene definito "Global Cyber Anarchy" dove non ci sono autorità regolatrici e il controllo è in mano ai privati in una situazione simile allo stato di natura hobbesiano del tutti contro tutti; il terzo modello è invece quello in cui il controllo è nelle mani dei privati ma il paradigma è quello della cooperazione, definito come modello dei "Cyber Beni Pubblici Globali" (Global Cyber Commons) dove la società civile globale è l'attore principale; infine il quarto modello è quello in cui la sovranità statale è applicata in un paradigma di cooperazione, tale modello è chiamato "Cyber Grand Bargain", in cui si inseriscono gli stati di tradizione democratica come gli Stati Uniti d'America, l'Unione Europea e altre democrazie.

Questa schematizzazione è funzionale ad immaginare l'evoluzione dei rapporti tra stati e tra individui nella nuova arena digitale. Negli ultimi anni infatti l'attenzione politica e sociale sugli strumenti informatici e sui media digitali è costantemente aumentata.

2. The Great Firewall

Il controllo sul traffico di rete in Cina è contemporaneo alla comparsa di Internet.

Il governo simultaneamente alla connessione delle infrastrutture di rete interne con le infrastrutture esterne avviò un progetto chiamato Golden Shield (Scudo Dorato) con il proposito di filtrare i contenuti di passaggio tra le infrastrutture esterne e le infrastrutture interne.

La giustificazione di tale filtraggio risiede nel timore nei confronti dei malware che all'epoca dell'ingresso cinese nella rete globale erano già ampiamente diffusi e conosciuti. Sovietici e americani avevano già abbondantemente sperimentato tecniche di intrusione e di danneggiamento dei sistemi informatici, incluso quelli di notevole importanza come sistemi informatizzati di regolazione di pressione in gasdotti e oleodotti, nel corso degli anni 80. La possibilità di condurre attacchi informatici era già ben concreta e dunque il governo cinese ha voluto mantenere un certo distacco con il resto del cyberspazio soprattutto in considerazione del fatto che almeno a quei tempi, cioè metà degli anni 90 e per lo meno per tutto il decennio successivo la capacità tecnologica cinese, sia in termini di conoscenza che in termini di strumenti operativi, era nettamente inferiore a quella statunitense e sovietica.

La minaccia esterna comunque può essere utilizzata, almeno ideologicamente, per implementare strumenti di controllo da poter utilizzare anche internamente, ed è così che dal progetto Golden Shield cui esistenza fu rivelata solo nel 2000 ma che già era operativo dai primi anni 90 si passò alla creazione della "Grande Muraglia" ossia il Great Firewall che monitorizza tutto il traffico in entrata ed in uscita dai server cinesi.

Lo sforzo che il governo cinese ha applicato nella creazione del sistema di vigilanza della rete è il risultato di calcoli dettati dalle esigenze del periodo storico in cui la Cina si doveva aprire al mondo.

Negli anni novanta infatti la Cina si trovò in un certo senso isolata dal punto di vista politico. L'Unione Sovietica con cui i rapporti sempre furono tesi e ambivalenti aveva da poco cessato

l'esistenza, sostituita dalla Comunità degli Stati Indipendenti che ben poca possibilità aveva di influenzare la politica globale a causa della crisi economica che investì la Russia e i paesi ad essa legata. Gli Stati Uniti con cui la Cina era riuscita ad intavolare un dialogo basato sulla graduale apertura cinese all'economia di mercato e al contemporaneo riconoscimento da parte degli Stati Uniti del governo di Pechino in seno all'ONU (gli Stati Uniti permisero alla Cina Popolare di sostituire la delegazione di Taiwan nel 1971) negli anni 90, forse a causa proprio del collasso sovietico, sfidarono apertamente il governo cinese sul campo delle libertà civili appoggiando ideologicamente e dando eco internazionale alle proteste degli studenti in Piazza Tienanmen, e rivitalizzando l'indipendentismo tibetano spostando la causa del Dalai Lama.

Lo stato di isolamento e il non ancora completato consolidamento economico spinsero Pechino a rinunciare a qualche beneficio economico proveniente da una fruizione più libera di Internet in cambio di una probabile garanzia di stabilità rappresentata dal controllo della rete.

Con l'annuncio nel 1993 del presidente Jiang Zemin della "Revolution of Military Affairs" (RMA) e la pubblicazione del libro "Unrestricted Warfare" di Qiao Liang, un alto esponente delle gerarchie militari cinesi, la Cina ufficialmente apre le porte ad un nuovo modo di concepire la guerra, che include differenti modalità di approccio alle strategie militari, che consentano alla Cina di confrontarsi alla pari con gli avversari.

Il primo confronto con le capacità statunitensi si ebbero già nel 1999.

In occasione dei bombardamenti sulla Serbia da parte delle forze NATO venne accidentalmente (almeno secondo la NATO) colpita la sede dell'ambasciata cinese a Belgrado, a questo incidente risposero degli hacker cinesi (secondo la Cina privati cittadini e non funzionari governativi) che attaccarono le pagine web della NATO, del governo americano e di altri enti pubblici statunitensi.

I server dove erano ospitati i siti web della NATO e del governo americano divennero bersaglio di ripetuti attacchi DDoS, le caselle e-mail dei server governativi vennero inondate di *spam* e alcune pagine web NATO vennero forzatamente rese irraggiungibili, mentre altre subirono dei *defacing*. Passato il rischio di un cambio di regime la Cina è riuscita a completare la trasformazione economica, consolidandosi come la seconda potenza economica mondiale ed è riuscita ad imporre la propria autorità interna senza doversi eccessivamente preoccupare delle critiche esterne, ed è proprio qui che risalta l'estrema importanza del Great Firewall.

Controllare i media come televisioni, giornali e radio è un'operazione piuttosto semplice, mentre controllare i contenuti creati nel cyberspazio da utenti stranieri è quantomeno più complicato, ma il governo cinese ha dimostrato una grandissima abilità, tanto che il Great Firewall è un esempio per qualunque stato o impresa voglia limitare l'accesso a determinati contenuti presenti in rete. Il sistema di controllo si basa su una combinazione di strumenti hardware e strumenti software. Per quanto riguarda la parte hardware il governo cinese ha imposto ai principali ISP (Internet Service Providers) del paese: ChinaNet, China Telecom e China Mobile tra gli altri, di utilizzare apparecchiature dotate di sistemi di filtraggio automatico dei contenuti, specialmente negli snodi infrastrutturali connessi con l'esterno in maggioranza collocati lungo i confini marittimi del paese. Attraverso strumenti software invece il Great Firewall analizza le parole-chiave e i metadata che transitano sui server e sui computer cinesi, inoltre il sistema è realizzato in modo tale che ad ogni computer connesso in rete si assegni un solo indirizzo IP, in modo da poter identificare chiaramente ogni singola macchina operante in territorio cinese.

Per fare questo il governo cinese ha ottenuto la collaborazione di imprese private leader nel settore come Google, che in cambio di accor-

di commerciali ha accettato spontaneamente di inserire algoritmi di controllo dei contenuti nei propri server cinesi. Google China censura automaticamente tutto ciò che il governo cinese non vuole che gli utenti vedano online.

La censura riguarda i motori di ricerca più comuni come Google o Yahoo, a cui è possibile accedere solo nella versione cinese, blog e mezzi d'informazione occidentali quali BBC o New York Times, a cui a dire il vero sono state recentemente fatte delle piccole concessioni, i social network come Facebook, Twitter, Instagram e MySpace, video su Youtube e altre piattaforme di riproduzione video.

I contenuti censurati sono quelli riguardanti i principali grattacapi politici del partito, dunque l'utente cinese che proverà a cercare parole come "Tibet", "Tiananmen" o "Taiwan" non troverà praticamente alcun materiale a riguardo se non pagine o siti che sposano in tali questioni il punto di vista del governo cinese.

Molte organizzazioni non governative e in generale la maggior parte delle democrazie liberali ritengono questo filtraggio dei contenuti una grave violazione del diritto all'informazione e alla libertà di stampa sanciti nella Dichiarazione Universale dei Diritti dell'Uomo.

Il governo e il partito, che in Cina sembrano essere un tutt'uno, in ogni caso ritengono sia assolutamente legittimo bloccare tutti quei contenuti da essi considerati una minaccia per la stabilità e la sicurezza del paese, dunque secondo loro i blog o i mezzi d'informazione bloccati sono strumenti di propaganda anticinese o di sovversione delle istituzioni esistenti.

3. Censura e libertà della rete

Il tema della censura della rete e/o delle libertà da essa garantite si è sempre più intensificato col propagarsi dei sistemi digitali nella vita dei cittadini di ogni paese.

La vita quotidiana è sempre più in mano alla tecnologia digitale. Gli smartphone sono sicu-

mente l'oggetto di consumo più rappresentativo del secondo decennio degli anni 2000, tanto che il famigerato iPhone dell'azienda Apple è diventato un simbolo del consumismo contemporaneo paragonabile a quello che fu l'automobile negli anni di boom economico del secolo scorso.

Le azioni giornaliere più comuni si svolgono tramite smartphone ed esistono app praticamente per tutto, per effettuare operazioni bancarie, fare acquisti online, leggere giornali o trasferire foto e video.

I social network inoltre hanno creato nuovi metodi di trasmissione delle notizie e delle idee, semplificandone la diffusione ma allo stesso tempo complicandone l'attribuzione e la veridicità. La censura cinese dunque non deve sorprendere più di tanto considerando l'acceso dibattito che in "occidente" si genera a riguardo delle cosiddette "fake news" e dei "troll".

Fake news e troll sembrano essere diventati dei veri e propri strumenti politici in grado di condizionare il pensiero dei cittadini, manipolandone i sentimenti e scatenando reazioni istintive e irrazionali.

Attraverso canali di diffusione, quali possono essere pagine di social network e siti web appositamente creati e coordinati le fake news danno agli utenti informazioni errate, solitamente in un contesto molto appellativo, in modo tale da rappresentare la realtà in maniera deformata e ingiusta.

I troll invece sono dei falsi account social che attraverso un bombardamento continuo di commenti e post online su determinati argomenti possono indurre gli utenti a pensare che una buona parte della popolazione abbia un determinato tipo di idee.

Per fare due esempi sull'utilizzo di questi metodi per influenzare l'opinione pubblica e quindi possibilmente anche i risultati elettorali si pensi alle fake news in Italia riguardante i migranti e ai troll negli Stati Uniti che sostenevano l'attuale presidente repubblicano Trump

nella campagna elettorale del 2016 che lo ha visto opposto alla candidata democratica Hillary Clinton.

Le fake news italiane per quanto riguarda i migranti vengono generalmente lanciate nei social network da un gruppo coordinato di utenze, che le diffonde sulle proprie pagine. Il contenuto di tali fake news riguarda spesso supposti privilegi economici concessi ai migranti dallo Stato italiano comparati solitamente alle difficoltà materiali di alcune categorie sociali, come coloro che hanno subito danni da eventi naturali quali terremoti o inondazioni, oppure senzatetto ed anziani con sussidi minimi. A beneficiare di questo tipo di propaganda è solitamente la destra nazionalista che si erge a baluardo difensore dei compatrioti in difficoltà. In questa retorica politica le similitudini della destra in vari paesi con l'Alt-Right statunitense sono davvero impressionanti.

Il direttore della campagna elettorale di Donald Trump, Steve Bannon, è uno stratega di tale metodo, tanto da fare consulenza per molti altri politici di destra del mondo, dall'attuale Ministro degli Interni italiano Matteo Salvini, al nuovo presidente brasiliano Jair Bolsonaro.

I troll sembrano aver avuto un impatto decisivo nelle elezioni americane del 2016. Falsi profili utenti disprezzavano attraverso commenti e post l'operato dell'amministrazione democratica ed in particolare la figura della candidata alla presidenza. Secondo una polemica generata poco prima ma anche in seguito all'Election Day a coordinare tali azioni era niente meno che il governo russo di Vladimir Putin, che avrebbe preferito che alla Casa Bianca sedesse il candidato repubblicano.

Il problema di queste vicende è che a causa della natura fluida del cyberspazio l'attribuzione delle attività online risulta essere estremamente complicata.

È da questo tipo di problemi che anche nelle democrazie liberali dei paesi occidentali

sono state avanzate proposte di controllo dei contenuti della rete. È molto plausibile che tali metodi di propaganda filtrati dagli algoritmi del Great Firewall cinese non avrebbero raggiunto gli incredibili risultati che hanno raggiunto in paesi dove il controllo sui contenuti online è più blando. Blando ma non inesistente. Di fatto anche nei paesi occidentali le società di gestione dei servizi Internet (ISP) devono per legge raccogliere e conservare dati sensibili sulla navigazione internet degli utenti, quali indirizzo IP, cronologia dei siti visitati, cookies e cache di ricerca. Spesso il fine di tale raccolta di dati è commerciale, tuttavia il controllo su contenuti potenzialmente illegali perché politicamente destabilizzanti è una realtà.

Il delicato equilibrio tra sicurezza e privacy riporta in auge il dibattito tra interesse pubblico e libertà individuale. Quale dei due deve tutelare maggiormente la legge?

Al di là delle previsioni legislative in ogni caso è possibile aggirare la censura dei contenuti in rete attraverso sistemi di criptaggio di dati in transito e di offuscamento degli indirizzi IP.

Attraverso una VPN (Virtual Private Network) si possono raggiungere contenuti bloccati, ad esempio dal Great Firewall cinese, semplicemente perché il sistema non riconosce come appartenente al territorio cinese l'indirizzo IP della macchina connessa in rete.

La tecnica con cui realizzare tale obiettivo è chiamata "tunneling" perché i dati criptati, e quindi non leggibili dal sistema di filtraggio, vengono passati proprio come se fossero in un tunnel all'interno degli altri dati leggibili da macchine connesse in rete locate in altre nazioni. Una VPN può essere creata da chiunque abbia una buona capacità di interazione con le macchine e il linguaggio di programmazione, tuttavia esistono alcuni software specificamente creati a tal proposito, e che spesso vengono usati per aggirare la censura cinese.

Dei software famosi in tal senso sono: Fregate, Tor Browser e Hotspotshield.

Il problema connesso all'offuscamento dell'identità in rete tuttavia è quello della criminalità. Di fatto i criminali informatici, truffatori, hacker, spie, eccetera utilizzano tutti questo tipo di software per mascherare la propria identità e compiere azioni illegali, quali furto di dati sensibili oppure il caricamento online di materiale protetto da copyright.

La Cina sta provvedendo ad aggiornare il sistema di controllo del Great Firewall in modo che possa individuare le VPN e bloccarne la trasmissione dati. Tuttavia, nel campo digitale la sfida tra censori e creatori di crittografia di offuscamento è una lotta costante che passa attraverso la codificazione.

Oltre a questo va considerato la possibilità che alcuni stati non abbiano intenzione di creare sistemi di controllo su server che ospitano contenuti illegali, perché questa attività potrebbe anche essere fonte di guadagno, molti siti web di fake news infatti monetizzano attraverso i banner pubblicitari la loro attività e se i contenuti non disturbano il governo locale perché interrompere un'attività lucrativa?

Ad esempio da analisi del traffico in rete si è appurato che molti siti di fake news hanno la propria localizzazione in Macedonia (FYROM, recentemente rinominata Repubblica di Macedonia del Nord), la ragione di questa localizzazione risiede nel fatto che la Macedonia non possiede leggi specifiche per contrastare questo fenomeno digitale e nella probabile accondiscendenza della politica locale che di fatto non ha validi motivi per legiferare a riguardo. Dunque pensando alla situazione geopolitica asiatica c'è da aspettarsi che paesi cui rapporti col governo cinese sono tesi quali Taiwan, Corea del Sud o Giappone possano utilizzare i propri server per tenere in rete materiale non gradito ai censori di Pechino e cercare punti di ingresso nel cyberspazio cinese.

Conclusione

La libertà di accesso all'informazione è uno dei diritti riconosciuto dalla Dichiarazione Universale dei Diritti dell'Uomo, tuttavia la libertà di informazione incontra il limite invalicabile della sicurezza statale.

I contenuti delle pagine web sono divenuti ormai di estrema importanza e a causa delle dinamiche socioeconomiche contemporanee riescono ad avere un'influenza molto elevata sulla popolazione, di qualunque stato ma in particolar modo degli stati in cui la popolazione usa abbondantemente la rete digitale.

La Cina in termini assoluti rappresenta il paese con più utenti.

Tenendo presente questo dato e considerando dall'altro lato la preoccupazione della dirigenza cinese per la stabilità del sistema non c'è da stupirsi se il sistema di filtraggio dei contenuti e di censura creato da Pechino sia il più efficiente del mondo.

Il rammarico comunque di vivere in un mondo ancora estremamente separato da barriere e confini, seppur digitali in questo caso, resta grande tra i sostenitori della cooperazione come motore delle relazioni internazionali.

Se il mondo fino a 30 anni fa era diviso dal muro di Berlino che rendeva estremamente difficili le relazioni tra Est ed Ovest (e fra mondo comunista e mondo liberale), al giorno d'oggi questa divisione rimane all'interno delle arterie cibernetiche che avvolgono il pianeta nel filtraggio che tanti paesi, Cina in testa con i suoi 800 milioni di utenti, riproducendo logiche di competizione che poco giovano allo sviluppo e alla crescita globale.

Il muro digitale in questione è sicuramente lontano dal crollare, tuttavia la fluidità e la permeabilità delle tecnologie di comunicazione digitale rende la separazione forse meno brutta di quello che era durante la guerra fredda.

Le opportunità economiche offerte dalla libera fruizione della tecnologia possono essere un importante strumento per indebolire il muro, ma la libertà (che per i dirigenti cinesi consiste nel poter organizzare il sistema senza influenze esterne e propaganda antipartito) è un bene talmente prezioso che nemmeno i soldi possono comprare.

Bibliografia

- Xueyang Xu, Z. Morley Mao, and J. Alex Halderman; Internet Censorship in China: Where Does the Filtering Occur? Department of Computer Science and Engineering; University of Michigan
- Julian Assange; "Cypherpunks, Future and Freedom of the Internet"; 2012;
- Nazli Crouchi; Cyberpolitics in International Relations; The MIT Press, 2012;
- Margaret E Roberts; Censored Distraction and Diversion Inside China's Great Firewall; Princeton University Press, 2018
- Rongbin Han; Contesting Cyberspace in China: Online Expression and Authoritarian Resilience; Columbia University Press, 2018
- Roya Ensafi, Philipp Winter, Abdullah Mueen, and Jedidiah R. Crandall; Analyzing the Great Firewall of China Over Space and Time, 2015.

China scientific research, development and future trends. China scientific research and development

Guido Ventura^{1*}

ABSTRACT

China is an expanding economy characterized by a scientific research and development mainly guided by governmental institutions. The science emerging themes include big data analysis, physics, engineering, technology and mathematics. Life sciences are less developed although funded throughout large projects. Agriculture and environmental sciences are supported to solve large scale social and health problems. The Chinese higher education politics allows the selection of a new class of leaders, also including researchers coming home after trainings in countries outside China, and the selection of talented foreign experts. The research politics and availability of funds has favored the excellence of many Chinese institutions in the world. This excellence has been reached through large scale projects and the development of high-level research institutes. In the next 10-15 years, the China researchers will be the largest scientific community at a global scale, whereas USA and Europe will decrease their influence. In addition, the central government favors companies to open new research centers outside China, so improving the internationalization, expansion, and impact of the China scientific research on a global scale. A risk of the extensive governmental control on the China research activities is the shift of the society toward an organization planned by a class of 'technocratic' leaders.

KEYWORDS: China; science politics; research and development; trends

^{1*} Istituto Nazionale di Geofisica e Vulcanologia, Via di Vigna Murata 605, 00143 Roma (Italy) Phone: (+39) 06 51860221
email: guido.ventura@ingv.it

Introduction

China is growing with an average annual rate of 6-7 %, and it is expanding around the world, mainly in Africa and Europe. One measure of this growth and expansion is represented by the recent development of scientific research. Research and development (R&D), the degree of scientific excellence, the extent of the internationalization of the China higher level education system, and the methodology adopted by the government to improve the research activities are, on the whole, parameters of primary relevance to fully understand the evolution of China at a world scale. Here, I analyze different themes related to R&D with the aim to summarize the present-day status of the China scientific research and its future trend. The review of different sources of data allow us to better constraint these trends and their relationships with those from other countries/continents. An explanation of the present-day organization of the scientific research in China is also provided in light of the two millennia history of the China mainland. This review covers a gap in the knowledge of the evolution of East Asia countries and their scientific politics. This review benefit of the tables and datasets provided by China and international scientific, political and economic organizations. These data sources are cited here below in the first section of this paper. The other sections include a short summary of the China-West historical differences, the government of the scientific research, the recruitment politics of scientists and the evaluation criteria, the ranking of China in the international scientific community, a projection on the China and West science trends, and a conclusive section on the China R&D in a global world.

Datasets and references

The consulted sources of data and references on China I analyze and summarize here are

international datasets. I prefer to list the references in this section to allow the reading of the paper and to ensure the text flow without continuous interruptions. The datasets and reference include the Nature index (<https://www.natureindex.com/>), which tracks the affiliations of high-quality scientific articles, i.e. the excellence, the 2018 Global R&D Funding Forecast (<https://digital.rdmag.com/researchanddevelopment>), the World University Rankings 2018 (<https://www.timeshighereducation.com/>), Unesco Science Report (<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000235407>) and, for a general introduction to the China international relationships and history, Chinadaily (<http://www.chinadaily.com.cn/index.html>), the 2016 to 2018 reports of the Organization for Economic Co-operation and Development and the World Bank for the economic data, the China Academy of Science (<http://english.cas.cn/>), and Li, J.T. (2018), On the advancement of highly cited research in China: An analysis of the Highly Cited database, PLoS One, 13, doi: 10.1371/journal.pone.0196341. Other datasets selected for the collection of data/information of West and other Asia countries are: American Association for the Advancement of Science (<http://www.aaas.org>), Clarivate Analytics (<http://www.clarivate.com>), EU Industrial R&D Scoreboard (<http://iri.jrc.ec.europa.eu>), European Commission Research (http://ec.europa.eu/research/index_en.cfm), European Industrial Research Management Association (<http://www.eirma.org>), European Union Community R&D Information Service (<http://cordis.europa.eu/en.home.html>), International Monetary Fund (<http://www.imf.org>), Japan Research Industries and Industrial Technology Association (<http://www.jria.or.jp/HP/EN>), Korean Industrial Technology Association (<http://www.koita.or.kr>), Organization for Economic Cooperation & Development (<http://www.oecd.org>), and U.S. National Science Foundation (<http://www.nsf.gov>).

China-West historical and cultural differences

China and the West (Europe and North America) are geographically, culturally and socially distant places although such a distance is reducing in modern times. Western progress bases on Greek and, partly, Arabic philosophy, culture, politics and economy. Ancient Greece was composed of hundreds of relatively small and independent, isolated city-states separated by sea or mountain chains. The population of each city counted hundreds to thousands inhabitants. The notion of personal interest in the ancient West was based on a relatively simple economic organization, where farmers, landowners, and traders work and make decisions individually. Each city-state had its own government and different types of political organization (monarchy, oligarchy, tyranny and democracy). Local wars were frequent, battles continuous, since the agricultural production of ancient Greece was not abundant, due to poor land and limited cultivation. In Roman times and Middle Age, this independence was partly maintained. The modern, fully democratic Europe partly evolved to a more centered organization of trade, industry, and agricultural activities. This holds also for the United States. Ancient and modern China is drastically different. Life, economy and development revolved around the central government led by the emperor. In ancient times, Chinese ships visited Africa and the ships were armed against the pirates, but they traveled mainly with scribes, scholars, doctors and researchers of the central government. Instead of trade, the Chinese economy had always been founded on agricultural production. This because the emperor had to keep the celestial mandate, which means making sure that all citizens had enough to eat. Therefore, farmers always knew that the wheat they cultivated could easily move to another part of China due to distant droughts. This central planning extended to flood control. The communities in an area of China had the

task of building dams or canals, not to help the reduction of flooding in the neighbor territory, but for other distant territories, downstream, for the collective good. The idea of an independent city-state was never considered because this notion includes the breakdown of cohesion and of the central government. The Chinese socialist system clearly has roots in China's ancient history. It is based on sharing and cooperation, solidarity, but with a strong control of the government, which, in the last 40 years, is searching social consensus.

The governmental think-tank of the scientific research: Chinese Academy of Sciences

The Chinese Academy of Sciences (CAS) is the largest national organization for the sciences of the People's Republic of China. CAS represents the scientific think tank and academic governing body, providing advisory and appraisal services on issues stemming from the national economy, social development, and science and technology progress. It is the world's largest research institution including about 60.000 researchers and 110 institutes. CAS is ranked the first research infrastructure in the world by Nature Index. CAS is organized in six academic divisions: Chemistry, Information Technological Sciences, Earth Sciences, Life and Medical Sciences, Mathematics and Physics, Technological Sciences. The CAS has thirteen regional branches located in the China territory, one hundred institutes and two universities (the University of Science and Technology of China at Hefei, Anhui and the University of the Chinese Academy of Sciences in Beijing). These CAS branches and offices are located in 20 provinces and municipalities. CAS created over 430 science- and technology-based enterprises (e.g., Lenovo) in eleven industries including eight companies listed on stock exchanges. The continuous creation of spin-off companies associated to university and

research centers testifies the general tendency to develop technologically and economically advanced research activities. In the last five years, China's political leadership has placed science, technology and innovation at the core of the reform of its economic system, as innovation can help not only with restructuring and transforming the economy. CAS finances national science and technology programs with the aim to increase China's chances of becoming an innovation-oriented nation. This is the goal of the 2006–2020 National Medium to Long-Term Plan for the development of science and technology. The president Xi Jinping strongly supports the activities of CAS and fixed four main goals: CAS as frontier institution of the scientific research in China, nation's innovative talent pool, nation's high-level think tank in science and technology, and CAS as world-class research institution. China has 1.26 million public institutions of education, research, culture and health care, which have more than 40 million employees. The recent, still in progress CAS reform aims to divide the CAS institutes in two groups: (a) institutes financed from the public purse and expected to fulfil only the tasks set by the state and (b) institutes allowed to supplement partial public funding with other activities, including through government procurement of their research projects and technology transfer. This division has implications both for the institutes and for individual researchers in terms of the amount of stable funding they receive and level of salary. It is likely that some institutes will be corporatized and CAS will need to become a leaner institution, as the state may not always be able to finance this expensive organization.

The recruitment politics of universities and research centers, the evaluation criteria, and the role of 'sea turtles'

In recent years, the performances of China universities and research institutes are evaluated

following international standards. These include the scientific production, i.e. the number of publications, their quality, i.e. the impact factors of the journals, and the amount of international collaborations. In addition, international ranking parameters listed from foreign companies are taken into account in judging the national universities. Just as an example, the Harbin Institute of Technology (HIT) of Shenzhen, the 'City of Creators', is attracting excellent, international talents with the aim to contribute to the national and regional economic and social development. HIT is a key university under the China Ministry of Industry and Information Technology and offers specializations in science, engineering, management and other fields. HIT is ranked as the world's sixth best university for engineering, and the second in China, according to the 2018 US Global Universities ranking. In the Academic Ranking of World Universities 2017 report, HIT is eighth in China and among the global top 200 and has a subject areas ranked among the global top 0.01%, according to Essential Science Indicators data. HIT has several faculty positions and it is attracting researchers from around the world with an annual salary of assistant to full professor ranging from 43.000 to 215.000 dollars. These researchers include those known as *hai-gui* ('sea turtle') who return home after studying outside China. The phenomenon started 40 years ago, when Deng Xiaoping decided to favor first-class students to take specializations in other countries. This initiative was crucial to create high-level figures and new intelligence for the 'new', still in progress, period of economic and cultural opening. The *hai-gui* politics is fundamental to attract foreign investments and to acquire knowledge. At least 1.5 million of young people studied overseas in the last 30 years, of which about 40 % in the United States and Great Britain, including the present President Xi Jinping- The *hai-gui* started to return to China occupying top research, political, economic and,

in general, social positions. About 80 % of the CAS members of the Academy of Sciences are returnees. Therefore, from research to business and then to politics, there is the leadership of the 'technocrats' with a Chicago-like 'neoliberal ideology'. Among the *hai-gui*, there was also Lin Yifu Chief Economist and Senior Vice President of the World Bank from 2008 to 2012 and now returned to Beijing at Peking University. In the last years, going abroad to study is the investment of the middle class. The 'Center for China and Globalization' reports that about 86 % of graduates abroad finds work within six months from the completion of their studies. The opening of China to the internationalization is not surprising. The Chinese system indicate the international vocation of the China government. The communism or socialism with Chinese characteristics is, in the essence, internationalist. Mao Zedong wrote in his Patriotism and Internationalism: 'Can a communist, an internationalist, at the same time be a patriot? We believe that not only can it be but also should be'. This ideological feature is not changed and it is still valid. The China internationalism increased after the Deng Xiaoping's reform. Improving the relations with the world has been an important point outlined in Xiaoping's program. The objectives of Deng's reform were summed up by the 'Four Modernizations', i.e., agriculture, industry, science and technology, and the strategy for achieving these aims of becoming a modern, industrial and technologically advanced nation is the socialist market economy.

The ranking of the China scientific research

China's rapid economic growth has propelled funding in the sciences, and it has become the second in the world by annual number of publications and amount of research funding. In physical science fields such as Materials Science and Chemistry, China's publication count

has exceeded the publication count of the United States. However, it is still lagging in publications in Biology and Social Sciences. The large volume of publications has led to China's increasing prominence in highly cited research, as it now produces approximately a fifth of the world's most highly cited papers. China currently has approximately 1.5 million researchers, which exceeds that of the United States, which is 1.3 million. The Natural National Science Foundation of China (NSFC) is the primary source of research funding in China, being responsible for distributing the money that the Central Government dedicates for scientific research to the individual researchers and projects. Other branches of government, such as the Ministry of Science and Technology, are centered around national scale projects, such as directing scientific development, advancing higher education, optimizing energy and resources, and performing large scale military and industrial research. From 2001 to 2016, the number of Highly Cited Researchers with a primary affiliation in China increased, from only seven in 2001, to 112 in 2014, 110 in 2015, and 134 in 2016. The top five institutions were the Chinese Academy of Sciences (50), the University of Science and Technology of China (6), BGI Shenzhen (5), Peking University (5), and Tsinghua University (4). BGI Shenzhen is a genomics and bioinformatics institute that is the principle bioinformatics center of the Chinese Academy of Sciences. Taking the percentage of Highly Cited Researchers from China out of the total number of Highly Cited Researchers in the world, and comparing it to China's GDP for the four years, it is seen that highly cited research increased by nearly 4.5 fold for a corresponding two fold increase in GDP. As reflected by the Highly Cited database, China has seen the greatest improvement in highly cited research prominence on the global scale from 2001 to 2016. China has seen the majority of its growth in the Chemical Sciences

Division, and the Engineering and Materials Science Division. These three fields increased and constitute about two thirds of the Highly Cited Researcher frequency from institutions in China. The three divisions with the lowest efficiency are the Management Sciences Division, Health Sciences Division, and Life Sciences Division. The Management Sciences Division had the lowest efficiency. China, in the past 16 years, has invested more in the Life Sciences Division and the Health Sciences Division combined than in any other division. The percentage of government funding invested into the two divisions is more than double the percentage allocated to the Engineering and Materials Science Division, the division the most Highly Cited Researchers. The efficiency of the Life Science Division, especially the Health Sciences Division branch off, is far too low to be practical, and the amount of money and projects involved in the effort to advance high volume and highly cited research was disproportionate to the results. In the last 15 years, China became a major contributor to the global pool of highly cited research. In 2001, China had seven Highly Cited Researchers. By 2014, China became, and has remained as of 2017, one of the top five contributors to the Highly Cited database in the world. Through strategic projects, China produced numerous fertile research institutions. Although the growth is disproportionate in the different fields of research, the development is still significant, and demonstrates the high quality highly cited research output capability of the world's second most economically powerful nation as measured by GDP. However, it will highly benefit the nation to improve efficiency, organizational and operational structure, and project management style by learning from the Chemical Sciences Division and the Engineering and Materials Science Division, especially regarding low efficiency divisions such as the Life Sciences Division and the Health Sciences Division.

China vs West scientists: a projection to 2030

China invests about 200 billion dollars/year in scientific research. In the next twenty years, China will no longer be the only country that exports low-priced and low-quality, nor the largest (and perhaps interesting) market in the world. The data of the Organization for Economic Co-operation and Development (OECD) forecasts and projections tell us that China will be the leader nation of scientists in 2030 with graduates concentrated in Stem (scientific, engineering, technological and mathematical) subjects; 37 % of the world's graduates will be Chinese. Another 26.7 % will come from India and the two countries will have two thirds of the world's scientists. Today China graduates 2.5 million students/year in Stem, about five times more than in United States. As above reported, China spends 200 billion/year on research, a level of investment that is second only to that, largely private, of United States. In the ranking of 2030, Europe will play a very small role. The first European country in the 2030 projections is Germany, the twelfth with a share of 1.4 % of Stem graduates, followed by Great Britain and then below by France and Spain (0.7 %). Italy is even below. Considering the countries all together and even Britain as part of the team, which is no more certain, Europe could still compete as a number of scientists with the United States, but certainly there would be a need for policies and more aggressive investments for scientific research and university. The numbers of Chinese scientists are affected primarily by demographic data, but also by policies that in recent years, have successfully supported the expansion of tertiary education. From 2005 to 2013 in the OECD countries graduates increased by 45 %, and if in 2005 only 14 % of the world population (25-34 years old) had a degree; in 2030 it is thought that it will reach 45 %. The European Horizon 2020 program aims to make 40 % of 34-year-olds graduate in

Europe. In 2030, it is estimated that China and India will have 150 million graduates (considering the young population, 25-34 years old) while the European Union added to the United States, the former Western world, will count together for less than 70 million graduates. The advantage from the point of view of the China Stems is due to the fact that they have a more balanced distribution of the types of degree: already in 2012 in China there were 55 % of Stem graduates and 45 in letters, jurisprudence and social sciences. In the OECD countries, the ratio is one to two. In France, Germany and Great Britain only one third of students choose science subjects. With these numbers, China will be the more advanced country for the developing of science and technology with the next 10-15 years.

China R&D in a global perspective

China represents a research superpower with numerous large-scale science projects, an improving scholarly rating, a rising academic infrastructure, more scientists and engineers than any other single country, aggressive space projects and long-term programs, and, as previously reported, a surging share of the world's research articles. China actually graduates more new engineers annually than currently reside in the USA. While USA and European R&D organizations struggle with diminishing research budgets to support their infrastructures, China has no such problems. China's government considers that one of the routes to global governance is the leadership in technology and innovation. They have been working that belief tirelessly for more than 20 years with annual R&D increases always three or more times those of the other countries, including USA. China's R&D investments have now surpassed the total R&D investments of the European Union including the UK and the Chinese R&D is now expected to surpass the total R&D spending of USA in 2026-2030. China is the one country that is currently gaining the most

in R&D. China moved on the path to becoming a life science research superpower by purchasing 128 state-of-the-art gene sequencers in 2011 and it is estimated to have about 30% of the world's total sequencing capacity. The Chinese government is fully involved in this development. In the physics area, CAS looked at the existing basic research tools around the world and decided to build many of their own, only bigger and better. One of these is the 500-meter aperture spherical radio telescope (FAST) project, which has been completed last year. China has a Pandex dark matter detector located in the world's deepest underground laboratory. It has a neutrino detector, several synchrotron radiation facilities, and a new neutrino observatory under construction that is scheduled to be completed by 2020. China announced plans to reconfigure its science research funding bureaucracy. Projects that proliferated under the 12th Five Year Plan (2011-2015) are being streamlined into a new funding scheme. Ministry of Science and Technology (MST) upgraded and consolidated the National Key Technologies R&D Program. Interministerial science and technology programs are now being implemented in the 13th Five Year Plan (2016-2020). The closure of the old funding channels are being enacted into five new categories of projects and funds. MST also announced in November 2018 the creation of six new national research centers being built in Beijing, Wuhan, Shenyang and Hefei. The centers will be based on current pilot national labs and discipline clusters. They will target frontier science and technology as well as China's major economic concerns, including basic research. China's industrial firms are also modifying their R&D plans. Alibaba, China's large e-commerce firm, recently announced plans to invest 15 billion of dollars in new R&D projects. The plan will include the opening of seven new research labs in China, with others in Singapore, Moscow, Seattle and Silicon Valley. The scope of the re-

search will be focused on technologies including the Internet of Things, data analysis, artificial intelligence and quantum computing. The goal for the work being performed in these labs is to serve two billion customers and create 100 million jobs by 2036. Alibaba's cloud services have revenues of about \$250 million during which time Amazon's Web Services makes 16 times as much or \$4 billion. China's increasingly strong emphasis on R&D is working. It was noted earlier this year that China already leads USA by a large margin in government funding for food and agricultural R&D. China currently invests more than twice as much as USA in these areas. Environmental protection and agriculture are also major topics for the future research and the funding availability on these themes is increasing. Agricultural research is well-funded in China with many megaprojects. In 2008, the Chinese government launched a major initiative on genetically modified crop research coordinated by the Ministry of Agriculture and Rural Affairs. In 2016, the Ministry of Science and Technology launched a separate key research program for breeding seven crops. Chinese universities are rushing to set up or re-establish their schools of agriculture. All newly established agricultural schools have set out to modernize agriculture with breakthroughs in plant science research, and other areas such as low-carbon technologies, and artificial intelligence.

Concluding remarks

The results of the analysis of different, independent reports may be summarized in the following main points:

China show R&D activities strongly controlled by governmental institutions throughout large projects. The main base science developing fields are physics, engineering, technology and mathematics. Computer and big data-related sciences are developed with funds from governmental institutions and private companies.

Life and health sciences are also increasing, although with a lower rhythm. Agriculture and environmental sciences are funded with applied science projects with the aim to resolve practical problems.

Within 2030, the Chinese researchers will represent the largest community of scientists at a world scale. The funds will also represent the major governmental investment in scientific research. USA and Europe will invest less resources in research. The China excellence in the scientific research follow an increasing trend and talent scientists coming from other countries or coming home are strongly supported.

Chinese companies will open new research centers outside the country, mainly in USA and Russia. This expansion represents a first step towards a larger internationalization of the China research.

The dynamics of the research in China produce a stably increase on of the excellence. China is within the top five countries to the Highly Cited database in the world. This raising is obtained through strategic projects and the creation/growth of numerous productive research institutions.

The organization of the Chinese higher education favors the middle-class to invest in culture and science, so further promoting the development of a new class of leaders. Most of the present-day leaders of the major scientific institutions, e.g., CAS and NSFC, and of the communist party have study experience in countries other than China.

The international vocation of China is not a prerogative of the present-day opening after the Deng Xiaoping reform, but has its prerogative in the past history and, in modern times, it was one of the pilaster of the ideology promoted by Mao Zedong's.

The main problems of the accelerated development of the China R&D activities include the creation of society based on the 'technocracy', and the contraction of the 'free' research, a

problem also affecting the West countries. Large scale Chinese private companies are also used by the central government to expand the control on the economy of other countries. The central-type control of the government on the scientific research is not unexpected and it is the line of the long history of the China society, which, from the Empire age to the communism with Chinese characteristics, has been always characterized by a more or less constant, narrow pyramid-like political structure.

Acknowledgement

I thank the numerous Chinese colleagues of the China Academy of Science, Jilin University, Beijing University, Jilin Earthquake Agency at Changchun, and Changbaishan Protected Natural Area, for the discussions on the China R&D and history. The ideas exposed in this paper reflect my personal view and do not necessarily reflect opinions of other scientists, Chinese institutions or INGV.

Bozza 1
formato mm210x297 col
allestimento brossura fresata

Nominativi Comitato Tecnico Editoriale

Dott.ssa **Noemi Pasquarelli**, nata a Priverno, Italia, nel 1992, si laurea nel 2016 presso la Facoltà di Giurisprudenza dell'Università La Sapienza di Roma. La ricerca verso una giustizia sociale più idonea per il paese l'ha spinta a scrivere una tesi sul diritto del lavoro, un campo, quello del lavoro, ormai minato dalle difficoltà dei paesi create negli anni passati da una crisi con le dimensioni internazionali, e, più in generale, ad approfondire nel corso dei suoi studi la disciplina sulla tutela dei diritti umani e il suo rapporto con il diritto internazionale e la stabilità del sistema post seconda guerra, frequentando vari corsi di approfondimento. È autore del volume *Il mutamento delle mansioni*, 2017, Ed. Nuova Cultura, Roma.

Dott. **Giuseppe Difrancesco**, italiano, classe 1988, nasce a Mussomeli dove ha conseguito il diploma presso il Liceo Classico "Virgilio" di Mussomeli. Frequenta la triennale in Scienze Politiche e Relazioni Internazionali presso l'Università degli Studi di Palermo, passando un anno presso l'Universitas de las Islas Baleares in qualità di studente Erasmus. Frequenta la specialistica in Relazioni Internazionali (funzioni internazionali) presso l'Università Sapienza di Roma, passando un semestre in qualità di studente Free Mover presso l'Universidade de São Paulo in Brasile. Appassionato fin da giovane di nuove tecnologie, si laurea a Gennaio 2014 con una tesi sulle Guerre Informatiche che analizza l'entrata del cyberspazio all'interno dei domini di guerra e la sua influenza nelle relazioni internazionali.

Dr. **Ana Figueroa**, from San Salvador (El Salvador), is a PhD Candidate in International Relations at University of São Paulo, Brazil. In 2008 received her Bachelor's degree in "Accounting and Finance" at Don Bosco University in El Salvador and her Master's Degree in "Political Science and International Relations" at Chosun University, South Korea in 2012, where she wrote her thesis about "The Impact of Globalization on the Human Development of Development Countries". Her research interests are Economic Development, Human Development, Migration, Globalization, and Politics.

Dott. **Christopher Jivot Bitouloulou**, nato a Brazzaville, Repubblica del Congo, dove ha conseguito il diploma Classico presso il Liceo Patrice Emery Lumumba. Dopo avere trascorso un anno accademico (2010-2011) presso la Facoltà di Giurisprudenza dell'Università Marien Ngouabi a Brazzaville, si laurea (Bachelor) nel 2014 in Scienze Politiche e Relazioni Internazionali con una tesi sull'Evoluzione politico-costituzionale in Colombia, presso l'Università degli Studi di Roma La Sapienza (Italia). Nel 2013, svolge un soggiorno di scambio universitario presso la prestigiosa Institut d'Etudes Politiques de Paris (Sciences Po), in Francia. Nel 2017 consegue una doppia Laurea Magistrale o specialistica (Master) in Scienze dello Sviluppo e della Cooperazione Internazionale e in "Relaciones internacionales" presso l'Università di Roma la Sapienza e l'Universidad del Norte a Barranquilla (Colombia). Appassionato del continente latinoamericano ed in particolare della Co-

lombia, ha discusso una tesi specialistica sul legame tra Banca mondiale e sviluppo agricolo in Colombia e Madagascar. Contemporaneamente è iscritto in un Master in Diritto pubblico alla Scuola di Giurisprudenza presso l'Università La Sorbona (Paris 1 Sorbonne-Panthéon) a Parigi in Francia. È candidato all'ammissione al Dottorato (PhD) in Diritto pubblico, comparato e internazionale presso l'Università La Sapienza di Roma per l'anno accademico 2017-2018. È in uscita un suo libro scientifico sull'Evoluzione Politica in Colombia.

Dott. **Adão Agostinho**, saurimuense, nato in Angola nel 1992, vive e frequenta la scuola superiore presso l'istituto di Quessua. A dicembre del 2015 si laurea in scienze politiche e relazioni internazionali presso La Sapienza di Roma, discutendo la sua tesi in Sistema politico-istituzionale dell'Angola post guerra civile. Attualmente frequenta la laurea magistrale in relazioni internazionali, sempre alla Sapienza di Roma. Dal 2015 è membro dell'International Association for Political Science Students e presidente emerito dell'AEA-Roma-studenti angolani a Roma. Si interessa di sistemi dei partiti politici in Africa.

Dr. **Nur'Asyura Salleh**, from Brunei, is a former government political analyst and a current PhD Candidate at S. Rajaratnam School of International Studies, Singapore. She obtained a Bachelors with Honours in Politics and International Relations from the University of Reading in the United Kingdom and continued to pursue a Masters in War Studies from King's College London. Interested in the nature of revolutions and great power politics, Nur'Asyura is now investigating the response of major powers to domestic political upheavals in other countries.

Dr. **Yusra Hamdaoui** is from Morocco, and a former academic coordinator in a private university in her country. and a. She obtained a BA in Economics from University Hassan 1st of Settat and pursued a Masters in International Relations from Mohamed V University of Rabat. Yusra is interested in understanding the ubiquity of the terrorist phenomenon and the process that conduct the youth to radicalisation. Yusra is now digging into the effects of islamic radicalisation on security in the Sahel region. She is a current PhD Candidate in International Relations at University Hassan I of Settat in Morocco.

Dott. **Marco Iervese**, nato a Pescara, si è laureato in Storia moderna e contemporanea presso la Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università "La Sapienza" di Roma. In seguito ha conseguito il diploma di specializzazione in Archivistica della "Scuola Vaticana di Paleografia, Diplomatica e Archivistica" presso l'Archivio Segreto Vaticano e il dottorato di ricerca in "Storia dell'Europa" della Facoltà di Scienze Politiche dell'Università "La Sapienza". Nei suoi studi e pubblicazioni si è occupato di storia delle relazioni internazionali, Santa Sede e storia della diplomazia. Attualmente è tutor presso il Collegio Universitario "D. Nicola Mazza" di Roma.

Dott. **Piero Y. Simonetti** is a PhD Candidate in Applied Social Sciences oriented to Quantitative Models, in the Department of Social and Economic Sciences at La Sapienza University of Rome, writing his PhD Thesis on the link between Economic Inequality, Economic growth and Globalization. He has obtained his first Professional Master's Certificate in International Relations (IR) at Catholic University of Milan, in the School of Economics and Internation-

al Relativo AI, then he came to attend La Sapienza University of Rome jointly with Catholic University of Louvain la Neuve, in Belgium, in two years Master's Program of

Sciences in Development Economics and International Cooperation.

He completed his 4 years Bachelor's Degree in Economics in Rwanda.

Bozza 1
formato mm210x297 col
allestimento brossura fresata

Bozza 1
formato mm210x297 col
allestimento brossura fresata

Finito di stampare nel dicembre 2018
con tecnologia *print on demand*
presso il Centro Stampa "Nuova Cultura"
p.le Aldo Moro, 5 - 00185 Roma
www.nuovacultura.it

Per ordini: ordini@nuovacultura.it

[Int_000000000_A4col_MP1]